

RONALD FRANÇA

**CULTURA ESCOLAR E AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMÉRICA
LATINA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC.**

Florianópolis

2011

RONALD FRANÇA

**CULTURA ESCOLAR E AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMÉRICA
LATINA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria de Fátima Sabino Dias

Florianópolis
2011

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida, o dia da finalização de um projeto reserva muitas emoções e grandes expectativas. Mas, nada pode ser feito sem compartilharmos pensamentos e obtermos bons conselhos ao ouvir pessoas amigas.

Diante disso, quero compartilhar esta alegria com aqueles que estiveram ao meu lado, ou mesmo aqueles que estiveram comigo somente em pensamento.

A meus pais, minha mãe Thereza, meu pai Manoel e em especial minha querida avó Marija, que descansa em sono absoluto.

A minha orientadora, professora Maria de Fátima Sabino Dias, obrigado pelas palavras carinhosas e suas preciosas reflexões, sempre na hora exata.

Às colegas, a meiga Vergínia, a querida Juliana, a amável Mari e a atenciosa Renata, para vocês, meu muito obrigado.

A todos do Colégio de Aplicação da UFSC que viabilizaram a realização deste trabalho e a quem esta pesquisa se destina. Porém, em especial, a equipe do Projeto Córdoba, meu muito obrigado.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CAPES), pela bolsa concedida durante a realização do mestrado.

E de modo muito especial aos examinadores da banca, pela disponibilidade em aceitar o convite de tornar este trabalho mais rico.

Enfim, a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a finalização deste trabalho.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar as narrativas que os alunos brasileiros constroem sobre as experiências vivenciadas na Argentina durante o Intercâmbio Cultural de professores e alunos, realizado desde 1992, entre o Colégio de Aplicação da UFSC (CA), e a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba, em Córdoba, Argentina. A intenção é identificar se a cultura escolar, no intercâmbio entre as duas escolas, estimulou nos alunos a construção de identidades na perspectiva de reconhecer o "outro" e a "si mesmo", resignificando as imagens sobre a América Latina. Os relatórios utilizados na pesquisa foram os documentos disponíveis no Colégio sobre o Projeto Córdoba de modo especial os relatórios produzidos pelos alunos brasileiros após o intercâmbio nos anos de 2001, 2002, 2005 e 2006. Para o estabelecimento das análises foram utilizados os conceitos de *representação*, *identidade*, *memória*, *cultura escolar* e patrimônio cultural.

Palavras- chave: Representação – América Latina – Cultura escolar

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the representations that the Brazilian students build on the experiences in Argentina during the Cultural Exchange of teachers and students, held since 1992 between Colegio de Aplicação UFSC (CA), and Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Cordoba in Cordoba, Argentina. The intention is to discover if the school culture, the exchange between the two schools, the students encouraged the construction of identities in the context of recognizing the "other" and "self" and resignifying images on Latin America. The sources used in the research documents available in the College about this Project and the reports produced by Brazilian students after the exchange in 2001, 2002, 2005 and 2006. For the establishment of the analysis we used the concepts of representation, identity, memory, school culture and cultural heritage.

Keywords: Representation, Latin America, School Culture

LISTA DE ABREVIACOES

AME	Acervo de Memora Educacional
CA	Colégio de Aplicação
CAPES	Coordenação de Aperfeioamento de Pessoal de Nvel Superior
CED	Centro de Ciências da Educação
ELA	Estudos Latino-americanos
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MEM	Departamento de Metodologias do Ensino
ESCMB	Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano
NIPEH	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Ensino de História
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
FAPESC	Fundo de Amparo a Pesquisa de Santa Catarina
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
FLASCO	Facultad Lationoamericana de Ciências Sociales
UNC	Universidade Nacional de Córdoba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	16
1.1 - O Documento e o arquivo escolar como fonte de pesquisa	24
CAPÍTULO II – IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES: RAÍZES E TRAJETÓRIAS DO INTERCÂMBIO BRASIL-ARGENTINA NA CULTURA ESCOLAR	30
2.1 - O Colégio de Aplicação da UFSC e o Projeto Córdoba	30
2.2 - O Projeto Identidades e Representações	32
2.3 - A disciplina “ELA”	35
2.4 - A América Latina	37
CAPÍTULO III – AS REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS BRASILEIROS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC SOBRE O “OUTRO”	46
3.1 - Em busca das impressões e representações dos alunos	49
3.2 - O Olhar sobre o outro	52
3.3 - Experiências de integração	56
3.4 - Política e Consciência Cidadã	59
3.5 - Cultura Escolar	60
3.6 - Reflexões sobre o cotidiano, cultura e contexto familiar	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
DOCUMENTOS ANALISADOS	81
ANEXOS	82

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é analisar nos relatórios do Projeto Córdoba as representações veiculadas na cultura escolar, através do Intercâmbio Cultural de professores e alunos, realizado desde 1992, entre o Colégio de Aplicação da UFSC (CA) e a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba, em Córdoba, Argentina. A intenção é identificar se a cultura escolar estimulou a construção de identidades na perspectiva de reconhecer o "outro" e a "si mesmo", resignificando as imagens sobre a América Latina.

Pesquisas (DIAS, 1997; CRISTOFOLI, 2002; REIS, 2004; CONCEIÇÃO, 2010) evidenciaram que continua um grande desafio o encaminhamento de propostas que minimizem o isolamento cultural entre as nações latino-americanas. O maior de todos é a superação do desconhecimento dos países latino-americanos entre si – desconhecimento esse que leva a distorções nas histórias nacionais e a preconceitos e estereótipos que resultam numa forma de isolamento, fazendo com que a realidade latino-americana seja ignorada pela visão nacionalista da História dos países.

Na proposta de superar esses desafios, o Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desenvolve uma série de Projetos vinculados à Pesquisa e Extensão, entre eles o Projeto Córdoba, um Acordo de Cooperação e Intercâmbio Cultural de professores e alunos realizado desde 1992, entre o Colégio de Aplicação da UFSC e a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba, em Córdoba, Argentina. Esse acordo tem aproximado alunos e professores, estabeleceu parcerias e abriu um grande espaço para que, antes mesmo da assinatura do Tratado de Assunção¹, que oficializou o MERCOSUL, fossem estabelecidas metas para pensar a realidade latino-americana através de um projeto educacional.

Desde 1992, o Projeto Córdoba tem proporcionado aos estudantes e professores dos dois colégios duas modalidades de intercâmbio: o primeiro que

¹ O tratado de Assunção é um acordo assinado entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai em 1991, com o objetivo de criar um mercado comum entre os países acodados formando o MERCOSUL.

tem duração de aproximadamente dois meses (agosto e setembro), e as oficinas de conhecimento com duração de uma ou duas semanas, ambos realizados em Córdoba, Argentina.

Passadas quase duas décadas de intercâmbios, mais de 300 estudantes e dezenas de professores vivenciaram a experiência de morar num país diferente, de língua e cultura diferentes, mas muito parecidos nos seus processos de organização do trabalho e da vida. Cada um deles foi convidado a produzir um relatório em forma de “narrativas” das experiências vividas e das atividades desenvolvidas durante o período do intercâmbio.

A respeito da escolha dos respectivos anos dos relatórios (2001, 2002, 2005 e 2006), não foi particularmente intencional. De fato, a intenção a princípio era escolher os relatórios mais recentes. Isso porque, já havia uma pesquisa feita nos relatórios do Projeto Córdoba entre os anos de 1992 – 1998. Assim, a intenção era distanciar meu objeto de análise, da pesquisa *Identities e Representações*.

No entanto, quando foi solicitado os relatórios do Acordo de Cooperação ao Departamento de Pesquisa e Extensão do CA, naquele momento não constava os relatórios recentes. Por este motivo foi entregue os respectivos anos já citado acima.

O objetivo deste trabalho é analisar as narrativas produzidas pelos alunos nesses relatórios, bem como os relatórios de pesquisa sobre esse intercâmbio, na perspectiva de refletir acerca das representações construídas pelos alunos brasileiros sobre as experiências vivenciadas durante o intercâmbio na Argentina. Para tanto, a pesquisa foi dividida em duas etapas: uma bibliográfica e outra documental. Para o estabelecimento das análises foram utilizados os conceitos de *representação, identidade, memória, cultura escolar e patrimônio cultural*.

Sabemos que o estabelecimento de acordos, a velocidade da internet e dos meios de comunicação e a facilidade de viagens geram novos cenários de encontros entre os jovens latino-americanos. Mas como se dá essa interação? Como se representa e se imagina a outra nação e seus cidadãos?

Assim, como aponta CHARTIER (1991), o conceito de representação ganha dimensão à medida que a identidade social se manifesta, se faz presente, se reelabora conforme a dinâmica da própria sociedade e dos grupos

que a compõe. Nesta perspectiva, estes grupos que, por sua vez, se articulam nas novas representações, ao mesmo tempo necessitam ser identificados por si mesmos e pelos outros, configurando-se um processo de mão dupla na construção de imagens e imaginário, seja nas representações coletivas, nas percepções e apropriações de uma realidade a partir de outro olhar, ou da construção na direção do outro para o grupo e do grupo para si mesmo.

Neste sentido, CHARTIER (1991) declara que a representação também assume a forma de auto-imagem, uma construção pessoal da própria imagem e o que ela representa. No entanto, essa imagem pode assumir um formato nacional, patriótico e nacionalista. Este, por sua vez, afasta o 'outro', e assume uma forma diferenciada.

Nesta proposta, o Projeto Córdoba não se resumiu apenas ao intercâmbio de alunos, mas também se materializou no intercâmbio docente através do desenvolvimento de pesquisa. Ou seja, o Projeto de investigação intitulado *"Identities e Representações: Um Projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil"*, realizado entre os anos de 1999 a 2000, envolvendo professores de História do Colégio de Aplicação e da Escola Manuel Belgrano, bem como do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC.

A proposta desse projeto de pesquisa é:

Enfrentar o desafio de diagnosticar a atual situação do ensino de História nos referidos países, com ênfase especial para o ensino de História da América Latina e elaborar uma reflexão sobre o ensino de História que contemple um olhar sobre a construção das identidades locais, nacionais e continental. Ou seja, sobre a percepção do 'outro' e do 'nós' que estão sendo veiculados na cultura escolar latino-americana (Dias, 1999).

Com a referida pesquisa, os autores pretendiam:

Compreender o conteúdo das representações e das identidades veiculados na cultura escolar, através da experiência dos alunos argentinos e brasileiros que participam do intercâmbio, e das análises dos conteúdos, abordagens, metodologias e fontes presentes no ensino de História em ambos países; - comparar os espaços outorgados aos conteúdos americanos nos currículos dos países acima referidos e fundamentar a importância que tem o ensino de História da América no contexto do Mercosul; - pensar em uma proposta curricular para trabalhar a História da América que seja aplicável simultaneamente nas instituições de ensino na Argentina e no Brasil; - contribuir para nos conhecermos mais e melhor, cobrindo a escassez do saber escolar crítico sobre este ensino em nossos

países, reforçando (por este meio), as relações de cooperação e intercâmbio acadêmico entre os dois países.” (Dias, 1999).

Para CRISTOFOLI (2002), os pesquisadores consideram, do referido Projeto de Pesquisa (Dias, 1999), que a História é uma das disciplinas fundamentais para a transmissão das representações culturais contendo imagens sobre os contextos sócio-culturais nacionais e regionais. Aproveitam, assim, o momento particular do contexto mundial, para através de um estudo comparado buscar a compreensão do papel dessas representações no conhecimento escolar, com vistas à reelaboração de imagens e de identidades que ultrapassem os estereótipos e preconceitos tradicionais presentes no ensino de História.

Segundo esta autora (Dias, 1999), as reflexões apontadas pelos pesquisadores estão em consonância com as discussões que vêm acontecendo em torno da categoria “identidade”. Com base nestes aspectos, as relações que se estabeleceram a partir do Projeto Córdoba apontaram um caminho possível para aprofundar as pesquisas na área de ensino.

Sendo assim, cabe ressaltar que a pesquisa aqui em pauta também se insere no projeto “*A Escola e os jovens no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americano*”, coordenado pela Professora Dra. Maria de Fátima Sabino Dias, integrado ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Ensino de História da UFSC (NipeH) e financiado pela Fundação de Apoio a Pesquisa Científica e tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC), com o intuito de observar quais os processos formativos de representações que os jovens brasileiros estão submetidos na atualidade; quais saberes históricos são privilegiados nessa formação e quais recursos são mobilizados no processo de formação de uma consciência histórica no contexto latino-americano.

Por sua vez o projeto acima está vinculado à um projeto nacional intitulado: “*PEABIRÚ: Ensino de História e Cultura Contemporânea*”. Trata-se de um projeto interinstitucional, envolvendo pesquisadores de cinco universidades brasileiras e uma argentina – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO).

Para esclarecer o porquê deste trabalho de mestrado é necessário compreender minha imersão nessa temática e seus movimentos anteriores. As raízes estão num projeto desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFSC nos anos de 2008 e 2009. A ideia surgiu do contato com o acervo escolar do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, durante a execução do Projeto “*Acervo Documental: memória educacional e formação de professores*” (Dias, 2008), vinculado ao Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação da UFSC e coordenado pela Professora Dra. Maria de Fátima Sabino Dias.

Minha participação no Projeto Acervo ocorreu durante o estágio de docência que realizei no Colégio de Aplicação, como aluno da disciplina de Prática de Ensino de História. Naquela ocasião, fui convidado a participar da equipe do Projeto, desenvolvendo atividades de limpeza, higienização, organização e catalogação do arquivo escolar do Colégio de Aplicação. Portanto, este trabalho fez parte da minha experiência nas atividades extra-escolares da UFSC, e possibilitou um novo olhar para a escola, para a documentação escolar, a própria educação e o papel do historiador na sociedade.

Durante estes dois anos de atividade direta no *Projeto Acervo* do Colégio de Aplicação, eu vim a conhecer pessoas fantásticas e profissionais de alto gabarito não só nas atividades profissionais, como também na ética das relações pessoais. Realmente, nada poderia ser mais fortalecedor naquele momento em pleno início de atividades, uma relação cordial com uma equipe tão qualificada como a do *Projeto Acervo*.

Não seria exagero dizer que em grande parte o *Projeto Acervo*, desenvolvido no Colégio de Aplicação, foi um convite inigualável que marcaria para sempre minha experiência na Educação e em especial no Ensino de História.

Esta dissertação tem relação com esta experiência do *Projeto Acervo* no Colégio de Aplicação da UFSC, que hoje é conhecido carinhosamente como “AME” Acervo de Memória Escolar.

A realização de atividades para a conservação do acervo permitiu a imersão na cultura escolar do Colégio de Aplicação, fazendo com que o olhar se voltasse para o que acontece no interior da escola. Nesse período,

estabeleceu-se um contato direto com as fontes documentais existentes no acervo do Colégio de Aplicação, entre eles as narrativas contidas nos relatórios dos participantes do Projeto Córdoba, que logo de início já chamaram à atenção pelo seu caráter inovador.

O acervo documental do Colégio de Aplicação, coletado ao longo das atividades técnico-administrativas desde a sua fundação, constitui uma valiosa fonte de informação sobre a Educação. Além de documentos administrativos, o acervo também contém documentos sobre a cultura escolar da instituição, sobre a formação de professores na UFSC e sobre os projetos realizados pela instituição. De fato, esta produção documental pode ser utilizada como fonte por estudantes, pesquisadores e professores, além de estimular a interação entre a Universidade e a escola através da preservação da memória escolar.

O contato com o acervo escolar possibilita novos olhares de estudo e traz várias possibilidades para o historiador da educação, pois é no ambiente escolar, e mais precisamente nos documentos escolares, que a pesquisa científica educacional pode traçar seus rumos e disponibiliza novas metodologias para a educação.

Como afirma Ruy MEDEIROS (2004), para a democratização da pesquisa e do conhecimento, os pesquisadores da História da Educação precisam elaborar propostas, exigir o cumprimento do princípio do franqueamento do documento à consulta, que só poderá ser otimizada com acervos bem organizados. Portanto, há uma crescente necessidade do engajamento do pesquisador da educação e profissional da área, na preservação dos acervos escolares e na construção de conhecimento sobre os acervos, possibilitando uma real e concreta construção de conhecimento histórico e educacional.

O acervo escolar não é só uma fonte documental sobre o passado da instituição, ele é uma realização do presente, quando a escola promove sua conservação e manutenção. Pensando desta forma, o acervo escolar promove a construção de uma “memória” mais objetivada, tratando de acontecimentos que não estão presentes apenas nos documentos, embora façam parte de um passado escolar, mas que estão vívidos na memória da instituição (FRANÇA, 2009).

Sendo assim, a área de preservação de acervos escolares constitui um fecundo campo de reflexão e de estudo. Além de contribuir para a manutenção da memória escolar e da história das instituições escolares, destaca-se a importância dos referidos acervos no âmbito da preservação do patrimônio público e da memória escolar de nossa sociedade. Vale lembrar que o planejamento da preservação dos acervos têm se multiplicado em todo o Brasil, contribuindo assim para estimular as estratégias educativas referentes ao problema da deterioração dos acervos escolares (FRANÇA, 2009).

Nessa perspectiva, esta dissertação apresenta-se como a possibilidade de dar visibilidade às narrativas e reflexões contidas nos documentos referentes aos projetos e atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos pelo Acordo de Cooperação/ Projeto Córdoba. Entretanto, é bom ressaltar que este trabalho não é pioneiro, os documentos do Projeto Córdoba já foram objeto de trabalho por parte de alguns pesquisadores no Estado de Santa Catarina². No entanto, estas pesquisas não contemplavam o acervo escolar como portador das fontes documentais e, portanto, a própria relação entre os documentos da instituição escolar e sua viabilidade concreta como fonte de pesquisa.

A dissertação está organizada em três capítulos, além da introdução, das reflexões finais, das referências e anexos.

O **“Capítulo I – Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa”**. Objetiva apontar e refletir acerca dos conceitos importantes para essa pesquisa, tais como: cultura escolar, identidades, representações e memória, bem como sobre o documento histórico-educacional, na medida em que este trabalho tem como suporte a pesquisa documental. O “corpus” documental é formado pela produção escrita dos alunos do Colégio de Aplicação presentes nos relatórios do Projeto Córdoba, bem como nos documentos referentes as atividades de pesquisa e ensino relacionados ao Acordo de Cooperação entre o Colégio de Aplicação da UFSC e a Escuela Manuel Belgrano.

O **“Capítulo II – Identidades e Representações: Raízes e Trajetórias do Intercâmbio Brasil-Argentina na cultura escolar**. Propõe apresentar a

²DIAS, Maria de Fátima Sabino, REIS, Maria José, VERÍSSIMO, Marise da Silveira. *Identidades e Representações: um projeto de pesquisa comparada sobre o ensino de história na Argentina e no Brasil*. Relatório de Pesquisa (UFSC/CED). Florianópolis, Fev.2000.

trajetória do Acordo de Cooperação entre o CA e a ESCMB³, bem como apontar algumas pesquisas nacionais e internacionais sobre o tema América Latina e Educação, fruto da análise e reflexão sobre o Intercâmbio Cultural/Projeto Córdoba, entre o CA e a ECMB. O objetivo é verificar o papel da cultura escolar no processo de reelaboração de imagens e reconhecimento do "outro" e de "si mesmo", importantes para estimular a construção de identidades e de uma consciência histórica e cidadã.

No **“Capítulo III – As Representações dos alunos brasileiros do Colégio de Aplicação da UFSC sobre o “outro”**”. É discorrida a análise das representações dos alunos brasileiros intercambistas no período referente a 2001, 2002, 2005 e 2006. O objetivo é analisar as representações que os alunos brasileiros constroem sobre as experiências vivenciadas na Argentina durante o Intercâmbio Cultural de professores e alunos, realizado desde 1992, entre o Colégio de Aplicação da UFSC (CA) e a Escuela Superior de Comércio Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba, em Córdoba, Argentina. A intenção é perceber se a cultura escolar, no intercâmbio entre as duas escolas, estimulou nos alunos a construção de identidades na perspectiva de reconhecer o "outro" e a “si mesmo”, resignificando as imagens sobre a América Latina.

CAPÍTULO I

³Em 1992, firmou-se um Acordo Internacional de Cooperação entre o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina e a Escuela Superior Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba. A fim de estudar as propostas do referido Acordo, foi constituído um grupo interdisciplinar de professores do Colégio de Aplicação voltado à coordenação e elaboração de um projeto visando trocar experiências de caráter teórico–metodológico, pedagógico e administrativo entre docentes e funcionários. Promovia-se também, a discussão de um intercâmbio cultural entre alunos de ambas as instituições de ensino.

ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A História é a ciência do tempo.
“Jacques Le Goff”

Este capítulo tem por objetivo apresentar e refletir sobre determinadas categorias teóricas que nortearão a pesquisa, bem como definir o caminho metodológico que será adotado, com ênfase no documento histórico-educacional referente à produção escrita dos alunos do Colégio de Aplicação presentes nos relatórios do Projeto Córdoba, bem como nos documentos referentes às atividades de pesquisa e ensino relacionados ao Acordo de Cooperação.

Esta pesquisa insere-se no campo da História da Educação brasileira, com intenção de investigar a educação como estratégia de difusão e construção de identidades e representações no contexto da cultura escolar. Nesse sentido, e com base numa reflexão pautada nos trabalhos de alguns pesquisadores, tomar-se-á como elemento norteador a utilização de conceitos por eles adotados, de modo especial os de *cultura escolar*, *representação* e *identidade*.

Dominique JULIA (2001) define *cultura escolar* como: “[...] um conjunto de normas que definem conhecimento a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p. 10).

Para VIÑAO FRAGO (2000) a *cultura escolar* é constituída pelo conjunto de práticas, normas, ideias e procedimentos que se expressam em modos de fazer e pensar o cotidiano da escola. Em outros termos, de acordo com este autor, a cultura escolar que tem sido entendida como uma das “caixas pretas” da historiografia educacional, compreende os seguintes aspectos:

[...] modos de fazer e de pensar – mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações – amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados, servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição, de outros

grupos e, em especial, dos reformadores, gestores e inspetores (VINÃO FRAGO, 2000. p. 100).

Em síntese, para JULIA (2010), a cultura escolar exerce influência sobre os indivíduos da escola.

Conforme VINÃO FRAGO (2003), um dos primeiros autores a utilizar a expressão “cultura escolar” foi Dominique Julia. Assim sendo, para FRAGO (2003), de certo modo em consonância com a perspectiva teórica do referido autor, a cultura escolar está no dia-a-dia escolar, nos seus rituais da vida da escola, tais como quadro de horários, os períodos letivos, nos espaços escolares, no mobiliário, nas hierarquias internas, enfim em toda a estrutura escolar. Mostra ainda que a cultura escolar não deve ser encarada por aqueles que pensam a educação como uma forma simples e menos operante na escola. Muito ao contrário disso, aponta que a cultura escolar deve sim ser pensada nas reformas educativas.

Outro aspecto sobre a cultura escolar, destacado por VINÃO FRAGO (2003), é que ela tem um caráter relativamente autônomo. A escola, entretanto, não se limita a reproduzi-la, mas sim a adaptar-se a esta força que cria um saber e uma cultura. Neste sentido, o autor acima acrescenta, ainda as seguintes observações, destacando, de início,

El poder generador de la cultura escolar y su carácter relativamente autónomo em relación com las disciplinas escolares. La noción de cultura escolar, en este caso, no alude a la cultura que se adquiere em la escuela, sino a la cultura que no se adquiere más que em la escuela. No es, pues, aquella parte de la cultura global que se difunde por la escuela a las nuevas generaciones, sino una cultura específicamente escolar em sus modos de difusión, desde luego, pero también em su origen, em su génesis y em su configuración (FRAGO, 2003, p. 57).

Jean Claude FORQUIN (1993), por sua vez, faz a seguinte análise sobre o modo como é constituída a cultura escolar no contexto educacional, na interação seletiva com a cultura socialmente e genericamente veiculada. Para este autor,

A educação não transmite jamais a cultura, considerada como um patrimônio simbólico e unitário e imperiosamente coerente. Nem sequer diremos que ela transmite uma cultura ou culturas, elementos de cultura, entre os quais não há forçosamente homogeneidade, que podem provir de fontes diversas, ser de épocas diferentes, obedecer a princípios de produção e lógicas de desenvolvimento heterogêneas e não recorrer aos mesmos procedimentos de legitimação. Isto significa dizer que a relação entre educação e cultura poderia ser mais bem compreendida através da metáfora da bricolagem (como

reutilização, para fins pragmáticos momentâneos, de elementos tomados de empréstimo de sistemas heterogêneos) do que através da metáfora do reflexo ou da correspondência expressiva (FORQUIN, 1993, p. 15).

Do mesmo modo, Diana Gonçalves VIDAL (2004) afirma que é no conjunto das práticas escolares que surge a cultura escolar. No entanto, a seu ver, há que se considerar que a família, a igreja e a sociedade exercem uma influência muito forte na sociedade e, portanto, na escola.

Entretanto, é bom salientar que as pesquisas sobre cultura escolar não se esgotam nestes temas muito menos nessas abordagens. Há pesquisadores, dentre os quais CHERVEL (1990) e VIDAL (2004), que se debruçam em outros temas como: leitura e escrita, por exemplo. Sendo assim, as pesquisas têm demonstrado que as várias abordagens convergem para a consideração das práticas escolares, como constitutivas da cultura escolar.

Há um consenso (JULIA, 2001; FRAGO, 2003) de que a cultura escolar ocorre no interior da escola, constituindo-se nos sujeitos da escola, das normas escolares, dos materiais, das disciplinas e da gestão da escola, bem como, dos conteúdos programáticos das disciplinas e dos modos de transmissão dos conteúdos e das formas de avaliação. Já como *cultura da escola* são considerados os ritmos e marcações diferenciados do tempo, as relações entre professores e alunos, como também as práticas de determinados ritos nos pátios da escola.

Por outro lado, embora a cultura escolar esteja ligada ao contexto interno da escola, é inevitável um olhar para o contexto histórico mais abrangente, isto é, um olhar exterior para as relações entre a escola, sua cultura e a sociedade. Os historiadores da educação já se deram conta destas interações e a complexidade do conjunto entrelaçado que envolve a escola.

Contudo, se a sociedade, assim como a escola, transmite valores através da cultura, e ambas formam cidadãos comprometidos com a nação, é na escola que os jovens dão seus primeiros passos nesse sentido, através dos rituais escolares e sua cultura.

Portanto, para dar conta dos objetivos propostos nesta pesquisa, dar primazia às pesquisas sobre a cultura escolar tornou-se de suma importância,

sendo imperativo como uma das estratégias metodológicas a ser adotada, investigar os jovens na escola.

Segundo FRAGO (2000), uma pesquisa com perspectiva histórica parece mais frutífera e interessante, pois pode existir mais de uma cultura escolar. Ou seja, cada instituição de ensino teria sua própria cultura gerada por um determinado lugar e período histórico.

De fato, é preciso reconhecer que as práticas escolares, em toda sua complexidade, abrem diversos caminhos para entender a cultura escolar. Não é sem razão que VINÃO FRAGO (2000) usa a expressão “caixa preta” da educação, para problematizar esta complexidade.

Assim, faz-se necessária uma séria reflexão sobre o tema da cultura escolar. Mas como e por onde começar a investigar? Neste trabalho, optamos por considerar como uma alternativa viável, e um dos elementos que supostamente pode apontar um caminho, o Acordo de Cooperação entre o Colégio de Aplicação da UFSC e a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano, Córdoba, Argentina, o “Projeto Córdoba”.

Assim, esta pesquisa pretende investigar a educação como estratégia de difusão e construção de identidades e representações no contexto da cultura escolar, no Acordo de Cooperação entre Brasil e Argentina, através de duas instituições de ensino.

Do ponto de vista teórico, além de elegermos trabalhar com a questão da cultura escolar, elegemos outras duas categorias analíticas, “identidade” e “representação social”, para refletir sobre as seguintes questões, já lançadas neste trabalho, mas que merecem ser retomadas: o Projeto Córdoba pode estimular um olhar mais amplo sobre as fronteiras nacionais? Como se dá a interação entre os jovens intercambistas? Como se representa e se imagina a outra nação e seus cidadãos? Estas questões serão abordadas mais detidamente no capítulo três, mas como já ressaltado, desde já é indispensável refletir sobre elas.

CHARTIER (1991) entende *representações sociais* como esquemas intelectuais que criam figuras graças às quais a realidade pode adquirir sentido. No entanto, essas representações pressupõem conflito, pois são palco de disputas pelo poder.

Este autor parte do pressuposto de que a percepção do real não é um processo objetivo e transparente, mas, ao contrário, é determinado por símbolos partilhados por determinado grupo que ajudam a entender, classificar e atuar sobre o real. O resultado é que a representação do real é construída por diferentes grupos sociais que tendem a justificar e a legitimar uma determinada posição social e ao mesmo tempo a própria representação aí em jogo.

A identidade social seria uma maneira própria de ser no mundo; (re) significar estatutos simbolicamente estruturados nas suas posições e funções que assumiram na sociedade. Um estatuto, enfim, que institucionaliza as representações, coletivas ou individuais, e perpetua a existência do grupo, da classe ou comunidade.

Ainda nesse sentido, REIS (1999) afirma que:

A identidade social é uma categoria de atribuição de significados, uma atribuição constitutiva de grupos sociais, elaborada através de representações que emergem como formas de auto-reconhecimento e como identificação por parte de “outros” atores sociais (REIS, apud BRANDÃO, 1999, p. 100).

Se a identidade social é uma construção coletiva de representação o mesmo pode ser dito da idéia de nação. Pois, cada país tem em seus aspectos, ou construção primária, uma mentalidade coletiva, na qual o espaço nacional é identificado por um símbolo nacional, uma ficção criada pelo Estado.

Neste aspecto, REIS (1999) destaca:

A nação, isto é a população de um território unida pela cultura e pela tradição foi, em toda parte, pelo menos de início, uma ficção, criada pelo próprio Estado. Os Estados Modernos se constituíram todos sobre diversidade étnica preexistente, num processo de unificação territorial marcado pela violência (REIS, apud DURHAN, 1999, p. 103).

Assim, as identidades sociais são formadas como resultado da relação de poder entre as forças existentes e diversas na sociedade. Como resultado desta relação de poder e força, imposta pelos que detêm o poder, a nomeação e classificação que cada comunidade, nação, classe ou grupo produz de si mesma gera uma representação a partir de uma disputa de poder.

Esta representação do grupo, comunidade, nação ou classe faz-se reconhecer a partir de uma demonstração de superioridade.

De fato, não nos surpreendemos, portanto, que esta busca tem deflagrado seus resultados na atualidade. As manchetes dos jornais indicam que há uma onda de xenofobia em muitas partes do mundo, evidenciando que o nacionalismo ganha ascensão sem precedentes, sem falar da crise econômica e política. Sinais menos evidentes do mesmo fenômeno incluem desconfiança, intolerância e o fato de se estereotipar pessoas que são diferentes.

A mídia tem influência sobre uma grande parcela da população. E através dos meios de comunicação de massa, a maioria das representações é moldada ou reforçam certas expectativas coletivas.

A ideia de representação coletiva e identidade social estão pautadas na construção de imagens ou representações coletivas a partir do olhar na direção do outro. De certa forma, a mídia tem contribuído para este tipo de olhar, construindo diferentes olhares para diversos grupos sociais.

Segundo HALL (2005):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a divisão de consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas (HALL, 2005, p. 75-76).

Não é, portanto, uma surpresa que nos relatórios do Projeto Córdoba a palavra *mídia* aparece cerca de nove vezes, expressa pelos alunos intercambistas, evidenciando a influência nos jovens, dos modernos meios de comunicação.

Segundo o relatório *Cultura de paz: da reflexão à ação* (2010), “É necessário enfatizar que a violência cultural também se manifesta na sociedade de consumo, que vende não apenas um produto, mas um ideal de felicidade, um modo de vida, através de métodos de publicidade e propaganda

na mídia, que são em grande parte responsáveis pela formação de nossos desejos reais e imaginários [...]”. (2010, p. 74)

A pesquisadora Raquel Alvarenga Sena VENERA (2009) lança luz sobre esse assunto, ao tecer os seguintes comentários:

O desejo de autonomia e liberdade desses jovens fica tão evidente que é impossível pensar na concretização delas na vida como apenas um disciplinamento construído pela escola, família e igreja a serviço do Estado. Esse é um exemplo claro do bio-poder. Existe uma necessidade na cultura de que os jovens se movimentem, decidam, escolham, de forma autônoma; que sintam-se livres para produzir, para consumir, para criar, para reproduzir. Porém, isso também foi construído enquanto desejo para o próprio jovem. De forma que atingir essa tão sonhada autonomia funciona como um prêmio, um passaporte para a vida adulta. É uma tecnologia instalada na democracia que dirige os processos de subjetivação cidadã (VENERA, 2009, p. 75).

No livro intitulado *Identidade e diferenças*. A perspectiva dos Estudos Culturais, Stuart HALL e Kathryn WOODWARD (2004) tratam de como a construção de identidades e as diferenças a que elas se referem está marcada por uma história de conflitos, desenrolada num cenário de turbulências social e política. Dependendo da posição nacional assumida por uma das partes, ou mesmo ambas, a identidade adquire sentido por meio de linguagem e dos sistemas de símbolos pelos quais ela é representada.

Portanto, para os autores, a história mostra que a identidade é relacional. Dependendo de sua postura, o “outro” assume uma identidade diferente e, portanto, fornece as condições necessárias para que ela exista. Segundo HALL, a identidade é, assim, marcada pela diferença, e a diferença é sustentada pela exclusão, uma vez que a exclusão é sustentada pela idéia de que o outro é sempre inferior.

De fato, para HALL e WOODWARD (2004), as representações incluem as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como “sujeitos”. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

A escola tem uma participação fundamental neste processo de construção da identidade destes jovens, pois é na escola que muitos deles deixam uma fase, a idade infantil, e passam para a adolescência. É no final deste complexo processo de educação e formação de identidades que eles já terão absorvido muitas das representações da sociedade, do “outro” do ponto de vista nacional, das amizades e formas de ver e se posicionar na vida.

O Acordo de Cooperação entre o CA e a ESCMB, e os relatórios do Projeto Córdoba sinalizam representações construídas nas narrativas elaboradas pelos alunos em sua experiência no intercâmbio, especialmente com relação ao “outro” argentino. Pois, é na presença do outro que os símbolos da identidade emergem, símbolos estes representados pela cultura, leitura, família, história de vida, de um modo geral, e de um modo específico pela própria cultura escolar.

Portanto, em contato com um novo ambiente cultural, com códigos culturais próprios daquele sistema social, o indivíduo de fora tem a possibilidade de uma exposição aos novos contatos com diferentes espaços culturais. No entanto, a visão de mundo dos jovens argentinos e brasileiros e a dificuldade de conviver com as diferenças culturais pode separar um indivíduo do outro.

Este comportamento pode ser espontâneo e a reação talvez seja imaginar o outro como inferior, porque é diferente. De fato, basta dar uma boa olhada nas páginas da História e ver que em muitos lugares isso aconteceu. No século XV, os vigorosos povos da Europa ocidental – com navios maiores e métodos de navegação aperfeiçoados – aventuraram-se mais longe no oceano Atlântico. Por quê? Em adição ao espírito de aventura e principalmente aquele desejo de ‘enriquecer rapidamente’, que motivou tantas viagens e conquistas.

Outro motivo seria que as pessoas têm uma forma de ver o outro a partir da sua própria cultura ou de sua visão de mundo. Assim, impor seus desejos e valores, é não respeitar as diferenças existentes, pois não há como negar, que a construção da identidade está pautada nestas relações de diferenças.

Entretanto, compreender o processo destas diferenças é compreender a própria construção do indivíduo, sua cultura e a própria formação da identidade.

Assim, fica evidente que aquilo que nos falta – pode ser construído – pode estar no outro. Basta que o outro seja encarado como fonte de diversidade cultural. Não é sem razão que, o aprendizado e as práticas vivenciadas com outras culturas e viagens enriquecem nossa vida através do convívio com a diferença e podem estimular um olhar livre de preconceitos. Portanto, a identidade está intimamente ligada à forma como o mundo é representado e personificado por estes jovens.

Diante do exposto, uma questão é crucial: a escola pode realmente estimular a construção de uma identidade latino-americana para estes jovens? Como pensar em uma perspectiva comum e em uma identidade latino-americana quando enxergamos os nossos vizinhos como o “outro”, o “diferente”?

Questões complexas como estas ainda surgem no nosso dia a dia e a resposta não está definitivamente elaborada. Assim, percebe-se que em alguns países existe uma barreira ideológica que separa uma nação da outra, e é essa barreira que o Projeto Córdoba tenta ultrapassar, através do intercâmbio entre alunos do CA da UFSC e os alunos da Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba, localizada em Córdoba, Argentina. Ambas as instituições têm por objetivo estimular a construção de identidades e de uma consciência histórica e cidadã.

1.1 - O documento e o arquivo escolar como fonte de pesquisa

A *memória* é outra categoria que foi levada em conta na presente pesquisa. Tratando-se de uma pesquisa documental, os documentos escolares, as narrativas e depoimentos produzidas pelos alunos do Colégio de Aplicação, nos levam a refletir sobre o papel da *memória* e do uso dessas fontes nessa pesquisa, com a intenção de esclarecer a opção metodológica, bem como buscar subsídios para compreender o papel das representações e das identidades na cultura escolar.

Segundo Michael POLLAK (1992), “nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida”. E acrescenta: “É na memória histórica que temos de nos basear”. Então, como o documento pode ser usado como instrumento de uma memória histórica? Neste contexto, este autor vai

mais longe e argumenta que “a história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens”. Ainda segundo ele, é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nesta reconstrução que chamamos de memória.

O autor fala ainda das *memórias subterrâneas* que abriram novas possibilidades para este campo de pesquisa, pois para o autor não se trata de historicizar memórias que já passaram ou deixaram de existir, e sim, trazer à superfície memórias que estão em silêncio. Assim, tem-se a disputa entre memórias, ou seja, uma luta entre a memória oficial e as memórias subterrâneas.

Na atualidade, a humanidade, de um modo geral, utiliza a fonte documental em diversas atividades, e as funções que desenvolve levam a emitir ou receber uma grande quantidade de informações registradas em suporte material. Daí a ideia da criação de um arquivo documental, para armazenar toda essa informação. Esta criação não constitui um fim em si, ela supre uma necessidade de informações que permitem ao homem agir, decidir, provar, atestar, manter ou restabelecer direitos, analisar retrospectivamente os fatos, as ações, os objetos e as ideias em geral (ARQUIVO NACIONAL, 1993).

De fato, há regulamentações e normas que preveem que tanto órgãos públicos, ou mesmo particulares, resguardem seus arquivos e conservem sua documentação. Essas iniciativas têm contribuído para a preservação da memória das instituições, como também, garantido a sobrevivência de fontes para a história em todo país.

Portanto, iniciativas desta envergadura refletem a importância das fontes documentais, sua preservação e disponibilidade para a pesquisa na medida em que governos e instituições trabalhem juntos para a promoção e reconhecimento dessas fontes, uma vez que elas têm sido reconhecidas como parte de nosso *patrimônio cultural*.

A expressão *patrimônio cultural* merece ser devidamente discutida, como as demais cujo significado já foi esclarecido. Ela esteve quase que exclusivamente associada a prédios antigos, objetos reverenciados, relíquias guardadas em museus, os quais precisam ser conservados. Recentemente esse conceito de patrimônio começou a se expandir, mais especificamente na

Constituição de 1988 (IPHAM, 2008. p. 13), sendo incluídas as fontes documentais como parte deste patrimônio.

Assim, a fonte documental é um registro do patrimônio cultural no tempo e na história e de fato ela ganha valor e dimensão à medida que preservam, entre outros aspectos, a identidade de uma sociedade e sua memória.

No entanto, é importante salientar que muito do que se pensa sobre preservação do patrimônio e da memória está intimamente ligado ao universo da educação e dos espaços culturais aos quais direta ou indiretamente se tem contato. Torna-se também necessário considerar que tanto a educação como a idéia da preservação do patrimônio está inscrita em um código cultural adquirido ao longo de uma vida educativa e social. Por isso, ensinar o respeito ao passado é contribuir para a formação de uma sociedade com pleno discernimento da importância de sua memória cultural e patrimonial.

O tempo deixa sua marca, seus registros, sua passagem. E é exatamente no tecido da sociedade que essas marcas aparecem como num fluir constante e quase imperceptível onde a história faz seu caminho. Em certo momento essa marca ou registro é fixado por estatutos e elaborado através de documentos das mais diversas formas. Muitas vezes esta marca é imposta, e em outros casos é feita uma escolha de forma democrática.

LE GOFF (1992), em seus estudos sobre a memória, nos chama a atenção para os lugares da memória:

História que fermenta a partir do estudo dos “lugares” da memória coletiva. “Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história”. Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: “Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências histórias ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória” (LE GOFF, 1992, p. 473).

Por outro lado, ressalta o comportamento narrativo da memória:

Alguns cientistas foram assim levados a aproximar a memória de fenômeno diretamente ligado à esfera das ciências e sociais. Assim, Pierre Janete “considera que o ato mnemônico fundamental é o “*comportamento narrativo*” que se caracteriza antes de mais nada

pela sua função social, pois que é comunicação[...] (LE GOFF, 1992, p. 424).

Ainda sobre a narrativa, afirma a pesquisadora CONCEIÇÃO (2010):

A narrativa constitui a consciência histórica ao representar as mudanças temporais do passado, rememoradas no presente, como processos contínuos nos quais a experiência do tempo presente pode ser inserida interpretativamente e explorada em uma perspectiva de futuro. (CONCEIÇÃO, 2010, p. 31).

Sobre a relação entre memória e identidade, LE GOFF (1992) destaca a memória como um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Nesse sentido, os documentos são portadores de um legado de construção de tradições que através da escrita, desempenham um papel de conservação e manifestação de memórias.

Mas, o que dizer sobre os documentos escolares? Não são estes também registros de uma percepção da sociedade no tempo? Não são eles representações de pensamentos numa determinada época histórica? É imprescindível analisar a documentação escolar, verificar o que ela tem a dizer a respeito da cultura ou culturas nesta sociedade, inclusive a da *sociedade escolar*, as representações dos jovens, seus saberes, e se há uma consciência histórica cidadã positiva desenvolvida neste espaço escolar.

O acervo escolar não é só composto de fontes documentais sobre o passado da instituição; ele se torna uma realização do presente quando a escola promove sua conservação e manutenção. Pensando dessa forma, o acervo escolar promove a construção de uma “memória” mais objetivada, tratando de acontecimentos que não estão presentes apenas nos documentos, embora façam parte de um passado escolar, mas que estão presentes na trajetória da instituição.

Nesta perspectiva, os arquivos por definição devem ser lugares de *memória*, locais de guarda de acervos, fontes de pesquisa e de ensino para a compreensão da história de uma instituição, em especial a escolar (VIDAL, 2005). Desta forma, os arquivos passam a ser ressignificados. Ou seja, o acervo deixa de ser um “arquivo morto” e se torna um arquivo histórico, organizado, funcional e integrado à sociedade. Não é sem razão que os documentos representam uma exposição, um imaginário da consciência da

história num determinado tempo. No caso desta pesquisa, os dois meses em que os alunos do CA permanecem em Córdoba como intercambistas.

O Projeto “*Acervo Documental: Memória educacional e formação de professores*”, uma aliança entre o Departamento de Metodologia de Ensino, o Centro de Educação e o Colégio de Aplicação da UFSC, possibilitou a retomada e a conservação das fontes do colégio. Propiciou também, um acervo de qualidade adequado para trabalhos escolares e pesquisas acadêmicas, englobando, sobretudo, valorizar a educação, sua memória e sua cultura, além do fato de divulgar o patrimônio cultural da escola, através dos documentos escolares.

Como afirma Nadia Gaiofatto GONÇALVES (2006):

No campo da História da Educação vem se desenvolvendo um esforço no sentido de preservar e organizar os arquivos escolares, compreendidos como locais de memória, fundamentais para o estudo dos processos de escolarização, da cultura escolar, entre outros. Simultaneamente a esta preocupação, algumas propostas, como a de inserção de documentos da própria instituição no trabalho em sala de aula, ou ainda de projetos envolvendo a reconstrução da história da instituição e da comunidade escolar, vêm se desenhando fortemente (GONÇALVES, 2006. p. 01).

Por isso, a importância da preservação, pois os documentos nos revelam os caminhos da instituição escolar, os rumos que foram surgindo ao longo da história da escola e da própria comunidade local.

O arquivo escolar é, portanto, um espaço rico de fontes para pesquisa e produção de conhecimento. Ele possui informações que permitem introduzir a uniformidade na análise realizada sobre os vários discursos que são produzidos pelos atores educativos – professores, alunos, funcionários e autoridades locais (MOGARRO, 2005. p. 77).

A organização do acervo escolar do Colégio de Aplicação da UFSC, hoje o *Centro de Memória Permanente da Instituição*, em parceria com o Departamento de Metodologia e Ensino da UFSC, sensibilizou a comunidade escolar no sentido da importância da preservação da memória da instituição. Por outro lado, demonstra que a parceria entre teoria e prática potencializa a interação entre pesquisa e ensino.

Finalmente, um acervo escolar organizado representa uma contribuição cultural e social e está ligado à preservação de patrimônios culturais. Portanto,

a escola é um ambiente propício para a preservação das fontes escolares documentais através de um acervo, entendido como um bem cultural.

CAPÍTULO II

Identities e Representações: Raízes e Trajetórias do Intercâmbio Brasil-Argentina na cultura escolar.

A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender.

“Eric Hobsbawn”

Este capítulo propõe apresentar a trajetória do Acordo de Cooperação entre o CA e a ESCMB⁴, bem como apontar os resultados de algumas pesquisas nacionais e internacionais. A maioria desses trabalhos faz uma análise e reflexão sobre o Intercâmbio Cultural/Projeto Córdoba, entre o CA e a ECMB. O objetivo é verificar o papel da cultura escolar no processo de reelaboração de imagens e reconhecimento do "outro" e a "si mesmo", importantes para se estimular a construção de identidades e de uma consciência histórica e cidadã.

2.1 - O Colégio de Aplicação da UFSC e o Projeto Córdoba.

Este tópico apresenta o Projeto Córdoba e seus desdobramentos, bem como suas principais características, desde sua implantação.

⁴Em 1992, firmou-se um Acordo Internacional de Cooperação entre o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina e a Escuela Superior Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba. A fim de estudar as propostas do referido Acordo, foi constituído um grupo interdisciplinar de professores do Colégio de Aplicação voltado à coordenação e elaboração de um projeto visando trocar experiências de caráter teórico–metodológico, pedagógico e administrativo entre docentes e funcionários. Promovia-se também, a discussão de um intercâmbio cultural entre alunos de ambas as instituições de ensino.

O Projeto Córdoba⁵ surgiu a partir do Acordo de Cooperação e Intercâmbio Cultural de professores e alunos realizado desde 1992, entre o Colégio de Aplicação da UFSC e a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano da Universidad Nacional de Córdoba, em Córdoba, Argentina. Esse acordo aproximou alunos e professores, estabeleceu parcerias e abriu um espaço significativo para que, fossem estabelecidas metas para se pensar a realidade latino-americana através de um projeto educacional.

O objetivo principal desse acordo é possibilitar o estreitamento de relações culturais através de intercâmbio entre professores e estudantes da Escuela Manuel Belgrano de UNC e do Colégio de Aplicação da UFSC. Também, conhecer elementos específicos de cada cultura em particular e, através do acesso a estes conhecimentos, possibilitar a professores e estudantes envolvidos, a discussão e reflexão a respeito de uma identidade latino-americana e, especificamente, da Argentina e do Brasil. Bem como, possibilitar a reflexão a respeito de elementos comuns, e, portanto integradores, não deixando de reconhecer e de identificar os aspectos plurinacionais e pluriculturais das referidas sociedades.

Com o intuito de estudar as propostas do referido Acordo, foi constituído um grupo interdisciplinar de professores do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, voltado a coordenar e elaborar um projeto visando à troca de experiências de caráter teórico-metodológico, pedagógico e administrativo entre docentes e funcionários, ampliando esta discussão para a possibilidade de um intercâmbio cultural entre alunos de ambas as instituições.

O Projeto ficou conhecido no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina como “Projeto Córdoba” e caracteriza-se como atividade de Ensino, Pesquisa e Extensão.

De fato, cada projeto se destaca por uma modalidade: no projeto de *Ensino*, a disciplina ‘ELA’ e o estudo da língua Espanhola; na *pesquisa*, o

⁵O Projeto Córdoba, caracteriza-se como atividade de Ensino, Pesquisa e Extensão. Algum tempo depois, surgiu a necessidade de discutir e desenvolver a pesquisa no campo curricular. Mais tarde este seria concretizado pelo Projeto “*Identities e Representações: um projeto de pesquisa comparada sobre o ensino de História na Argentina e no Brasil*”. Um dos objetivos do *Projeto identities* estava pautado na compreensão das representações e das identidades veiculados na cultura escolar, através da experiência dos alunos argentinos e brasileiros que participam do intercâmbio, e das análises dos conteúdos, abordagens, metodologias e fontes presentes no ensino de História em ambos os países.

Projeto Representações⁶ e na *Extensão*, o Intercâmbio docente e discente⁷. É exatamente neste Intercâmbio que os alunos brasileiros produzem sua narrativa ao final da jornada em Córdoba, Argentina. São estas narrativas que serão analisadas no 3º capítulo.

2.2 - O Projeto Identidades e Representações

O Acordo de Cooperação não se resumiu apenas ao intercâmbio de alunos. Ele se materializou em um projeto de pesquisa⁸ intitulado "*Identidades e Representações*⁹: Um Projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil", realizado entre os anos de 1999 a 2000.

O projeto foi realizado por um grupo de pesquisadores brasileiros e argentinos, professores da disciplina de História e ligados às Instituições integrantes do Acordo de Cooperação¹⁰. A proposta era refletir, através de um

⁶Projeto de pesquisa aprovado pelo FUNPESQUISA em 1999. A equipe brasileira participante do projeto, na época, era de professores de História do CA. Na época, a equipe contava com pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento e de outros setores da Universidade: Profa. Dra. Ma. de Fátima Sabino Dias (coord.), UFSC/CED/MEN; Profa. Ms. Marise da Silveira Veríssimo, UFSC/CED/CA; Profa. Dra. Ma. José Reis, Pesquisadora do NIPEH e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. A equipe argentina era composta pelos professores Susana Ferreyra, UNC/ESCMB; Dante Bertone, UNC/ESCMB e Griselda Osório, UNC/ESCMB.

⁷A Coordenação do Projeto Córdoba nos períodos analisados nesta pesquisa são: (2001), a professora Neide Palaez de Campos, (2002), professora Sandra Mendonça, (2005), os professores, César de Medeiros Régis, Danuza Meneghello e Rodolfo Pantel, em (2006), a coordenação ficou a cargo da Professora Danuza Meneghello.

⁸ A partir da necessidade de aprofundar as discussões sobre a História e o seu ensino, não apenas para diminuir o fosso que existe entre a produção acadêmica e o ensino médio, mas para buscar alternativas entre a História e as práticas escolares. Uma professora de História do Colégio de Aplicação realizou um trabalho de tese sob o título A "invenção da América" na cultura escolar no Brasil. -uma pesquisa no campo da história das disciplinas escolares e aborda o aparecimento, organização, conflitos e exclusão da disciplina de História da América no ensino secundário no Brasil nas décadas de quarenta e cinquenta deste século. Por meio desta imersão ela coordenou o projeto de pesquisa "Identidades e Representações: Um projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil". Este último como um desdobramento do Acordo de Cooperação entre Brasil e Argentina, mas, sobretudo, como um novo ponto de partida, na medida em que significa o desdobramento da pesquisa do novo campo de trabalho oportunizado pela tese de doutorado. Projeto de Pesquisa - Identidades e Representações: Um projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil (FUNPESQUISA, 1999).

⁹Tanto o conceito de identidade nacional e integração cultural "merecem reflexões teóricas, para que se possa recolocar a questão de uma 'identidade latino-americana' como uma possibilidade". (apud DIAS e REIS, 1999). Neste viés, Dias, Reis e Veríssimo (2000) elaboraram a pesquisa *Identidades e Representações*.

¹⁰Em 1998 um grupo de pesquisadores brasileiros e argentinos, professores da disciplina de História e ligados às Instituições integrantes do Acordo de Cooperação, propôs-se a refletir, através de um Projeto

projeto de pesquisa, a formação da identidade latino-americana na cultura escolar e o olhar sobre o "outro" e o "nós" latino-americanos¹¹.

A perspectiva de pensar uma proposta curricular para trabalhar os temas da América Latina, aplicável simultaneamente às duas Instituições de Ensino envolvidas no acordo, era uma proposta comum. Elaborou-se, assim, um estudo dos programas e currículos de História no CA e na Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano, no período de 1985 a 1995. Através dos Relatórios anuais da Equipe de Coordenação do Acordo do Brasil realizou-se também um estudo das representações culturais dos alunos intercambiados: brasileiros e argentinos (SOUZA e VERÍSSIMO, 2004).

Em 1998, a partir do referido Projeto de Pesquisa, iniciou-se uma experiência na 7ª série do CA da UFSC, na disciplina Organização Social e Política do Brasil (OSPB). A disciplina trabalhou especificamente temas referentes à História da América Latina e a experiência manteve-se nos anos seguintes como uma experimentação até que surgisse a possibilidade concreta da criação de uma nova disciplina na grade curricular do CA da UFSC, denominada "Estudos Latino-Americanos" (ELA), substituindo oficialmente a disciplina de OSPB.

O que o *Projeto Identidades e Representações: Um projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil* pretendia?

Contribuir para conhecermo-nos mais e melhor, cobrindo a escassez do saber escolar crítico sobre este ensino em nossos países. Aprofundar, na interface da história com a educação, a constatação do modo como as estratégias institucionais de ensino estão imbricadas com representações responsáveis pela construção de

de Pesquisa, a formação das identidades latino-americanas na cultura escolar, o olhar sobre o "outro" e o "nós" latino-americanos. O Projeto estava inserido no campo da história das disciplinas escolares e se intitulava: *"Identidades e Representações: Um Projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil"*. Ele foi aprovado pelo Colegiado do Colégio de Aplicação e pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa da UFSC (FUNPESQUISA) e seus relatórios encontram-se na Coordenadoria de Pesquisa e Extensão do CA.

¹¹ O presente projeto de pesquisa, reunindo pesquisadores argentinos e brasileiros, propõe-se a enfrentar o desafio de diagnosticar a atual situação do ensino da história nos referidos países, com ênfase especial para o ensino da História da América Latina, e elaborar uma reflexão sobre o ensino de História que contemple um olhar sobre a construção das identidades locais, nacionais e continental. Ou seja, sobre a percepção do "outro" e do "nós" que estão sendo veiculados na cultura escolar latino-americana. Projeto de pesquisa - *Identidades e Representações: Um projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil* (FUNPESQUISA, 1999).

imagens ou identidades constitutivas dos Estados nacionais argentino e brasileiro.

Rever a interpretação que temos sobre nós mesmos e sobre os “outros” latino-americanos, eliminar as distorções frequentemente existentes nas histórias nacionais que geram preconceitos e hábitos discriminatórios, bem como para formação de uma consciência cidadã que transcenda a nação e estimule a integração cultural entre Brasil e Argentina, reconhecendo que podemos nos enriquecer mutuamente Projeto de Pesquisa - Identidades e Representações: Um projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil (DIAS, 1999).

Que metodologia foi aplicada no Projeto de Pesquisa - Identidades e Representações: Um projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil?

Atividade 1 – Análise das representações veiculadas nos relatórios produzidos por professores e alunos relativos ao período, 1992/93/94/95/96/97/98. Este material está disponível na coordenação do intercâmbio nas instituições escolares de ambos os países;

Atividade 2 – Análise dos currículos e dos programas de História no Brasil e na Argentina no período posterior as ditaduras militares (1985-1995), levando-se em conta também os atuais Parâmetros Curriculares Nacionais e os Conteúdos Básicos Comuns (CBC), e as conseqüentes mudanças/permanências provocadas no ensino de História pelas reformas educacionais desenvolvidas nos dois países.

Atividade 3 – Sistematização e exposição das análises obtidas no “corpus” documental, de acordo com os objetivos propostos.

Atividade 4 – Apresentação dos resultados finais em um workshop, reunindo todos os pesquisadores em Florianópolis Projeto de Pesquisa - Identidades e Representações: Um projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil (DIAS, 1999).

E como resultados preliminares, o *Projeto Identidades e Representações: Um projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil* apontou para a necessidade de se ver a escola como forma institucionalizada de transmissão de cultura e parte integrante do processo de produção de representações, como pontua a citação abaixo.

Relatos dos alunos que participaram do intercâmbio dão alguns exemplos das representações orais e gráficas que evidenciavam os estereótipos existentes. As reflexões apontadas por esses pesquisadores estão em consonância com as discussões que vêm acontecendo em torno da identidade. Os estereótipos aqui apresentados parecem estar completando o fato dos países estarem de costas um para o outro, principalmente por carregarmos pré-conceitos em relação ao “outro” e que permeiam todos os segmentos sociais. Neste sentido, o papel da escola, enquanto transmissora da cultura dominante, ganha destaque por ser ela, muitas vezes, fator importante na percepção do “nós” e os “outros”. Os estereótipos transcritos aqui referem-se a percepções dos alunos brasileiros e

argentinos. Fazem parte Relatório de Pesquisa “História comparada nas fronteiras do Mercosul: uma experiência entre instituições de ensino brasileiras” e argentinas, elaborado por Dias, Reis e Veríssimo. (2000). Os outros projetos foram: “O lugar do ‘outro’ pelo viés da globalização” e “Visões do nacional: contrastes em Lima Barreto, Mário de Andrade e João Ubaldo Ribeiro”. Informação retirada do texto de DIAS e REIS Identidades e Representações, apresentado no 2º Seminário Regional do GT de História e Geografia do Mercosul. Projeto de Pesquisa - Identidades e Representações: Um projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil (DIAS, 1999).

Os elementos apresentados nos resultados preliminares da pesquisa acima sinalizam pontos que esta pesquisa almeja demonstrar: a cultura escolar estimulou a construção de identidades na perspectiva de reconhecer o "outro" e a “si mesmo”, resignificando as imagens sobre a América Latina.

2.3 - A disciplina “ELA”.

Segundo a historiadora Marise da SILVEIRA (2009), a criação da disciplina “Estudos Latino-Americanos”¹², no Colégio de Aplicação da UFSC veio como consequência do trabalho de discussão e reflexão do grupo de pesquisa acima referido.

A pesquisadora SOUZA (2004) relata que foi realizado um evento em fevereiro de 2003, evento este que aprovou a proposta da disciplina ‘ELA’ (Estudos Latino-Americanos)¹³, pois

[...] progredia na escola as perspectivas de mudanças ensejadas pelo projeto político pedagógico. Vislumbrava-se claramente e necessidade de permanência das horas didáticas de OSPB na carga horária das áreas humanas, sob pena de ver seu espaço ocupado por qualquer outra área já bastante aquinhoadas no currículo ou mesmo de ser esse tempo destinado a qualquer proposta mais colada em alguma polêmica da moda. Para manter íntegra a carga didática destinada ao ensino de história e a manutenção de conteúdos sobre a América no ensino fundamental é médio, foi elaborada por professores do CA e do MEN a proposta definitiva da criação e inclusão da disciplina intitulada “Estudos Latino-Americanos” no

¹²O evento que aprovou a proposta foi realizado em fevereiro de 2003, e a então nova disciplina foi imediatamente ministrada naquele mesmo ano letivo. A proposta foi assinada por Ivonete da Silva Souza (CA) e Marise da Silveira Veríssimo (CA) como autoras. Maria Silvia Cristofoli (CA) e Maria de Fátima Sabino Dias (MEN) como consultoras. O grupo de professores de história do CA foi proponente (Souza, 2004, p. 86).

¹³A proposta de inclusão da disciplina de Estudos Latino-americanos no currículo de História do CA foi de autoria das professoras Ivonete da Silva Souza e Marise da Silveira Veríssimo, tendo como consultoras as professoras Maria Sílvia Cristofoli e Maria de Fátima Sabino Dias, ex-professora do CA, atual professora do MEN/UFSC, coordenadora do NipeH e uma das idealizadoras do Projeto Córdoba.

currículo do ensino fundamental e médio da escola (SOUZA, 2004, p. 86.).

Em suas palavras SOUZA (2004) diz que a disciplina (ELA¹⁴) "foi, assustadoramente, aprovada em clima de euforia e otimismo político pedagógico. Assustador porque um novo desafio se fez presente: o de traduzir as grandes finalidades da disciplina em procedimentos escolar cotidiano".

No entanto, quando o espírito eufórico sede lugar ao cotidiano de trabalho, logo se constatou um dos grandes desafios da disciplina ELA, a escassez de material didático. Neste aspecto SOUZA (2004) relata que "os recursos nessa categoria que pude utilizar foram poucos".

Observe sua reflexão neste aspecto:

Outros livros didáticos de história trazem alguns conteúdos sobre povos pré-colombianos, porém, com informações muito restritas e superficiais, que não possibilitam o desenvolvimento sistemático de uma unidade que venham acompanhadas de ações didáticas satisfatórias, exceto se o objetivo do professor for problematizar a ausência desses povos na perspectiva histórica do livro [...]. Portanto, dado a dificuldade de existência de obras didáticas, utilizei-me de obras acadêmicas e produzi os textos e os temas de minha preferência. Isso induziu-me a ser praticamente uma pesquisadora do assunto, porém imprimiu uma certa lentidão na execução dos programas. No entanto, obras como essas precisam de procedimentos diferenciados na transposição didática para o ensino fundamental e médio (SOUZA, 2004, p. 94).

Segundo SOUZA (2004) embora haja aspectos e marcos de referência temporal, e estes estejam muito próximos da disciplina de História, as ementas¹⁵ da disciplina de ELA já apresentam uma perspectiva específica, enfatizando os estudos comparados a respeito da cultura e das identidades dos povos latino-americanos.

A pesquisadora SOUZA (2004) faz um comentário que posteriormente será retomado neste trabalho de Dissertação. Ela relata que ao ministrar a disciplina Estudos Latino-Americano, percebe que os brasileiros vivem,

¹⁴ Ver anexo.

¹⁵ Os objetivos dos conteúdos são oferecer aos alunos a possibilidade de conhecer e identificar características culturais e históricas de sociedades pré e pós-colombianas. Reconhecendo e respeitando as contribuições das sociedades indígenas na cultural e contribuição humana. Desenvolver a observação, o reconhecimento e a memória visual a respeito do patrimônio cultural das sociedades ameríndias; identificar as semelhanças e diferenças existentes nas culturas e sociedades latino-americanas, no sentido de acessar uma perspectiva crítica e respeitosa ante a diversidade histórica dos povos do continente; e comparar os processos de ocupação territorial e colonial das sociedades latino-americanas.

cotidianamente, um vazio com respeito a uma maior afinidade com os povos e culturas Latino-americanas.

Entretanto, a pesquisadora acha importante o papel questionador e formador dessa disciplina, este questionamento está além dos benefícios imediatos que a própria disciplina possa trazer aos estudantes. A disciplina traz um valor que só no futuro próximo será percebido.

E de fato, a professora SOUZA estava correta em sua análise, pois passados mais de cinco anos após suas considerações, CONCEIÇÃO (2010) aponta em sua pesquisa que é possível afirmar que existe sim relação entre a história ensinada na disciplina ELA e a formação de uma consciência latino-americana.

Para a pesquisadora acima (CONCEIÇÃO, 2010), a contribuição dos conteúdos do programa da disciplina ELA. para a formação histórica dos sujeitos na escola foi imprescindível. No entanto, esse aprendizado ainda não orienta as ações desses indivíduos nas tomadas de decisão face aos problemas da América Latina.

Se a disciplina 'ELA' pôde contribuir para uma consciência cidadã nos jovens alunos do colégio, o que dizer então do intercâmbio proporcionado pelo Acordo de Cooperação entre o CA e a ESCMB. O Acordo entre as duas instituições pode estimular a construção de identidades na perspectiva de reconhecer o "outro" e a "si mesmo", (re) significando as imagens sobre a América Latina?

2.4 - A América Latina

Muitos estudos (Dias, 2004, Reis, 2004), decorrentes da pesquisa e do ensino desenvolvidos no interior do Acordo de Cooperação, entre as duas escolas, abordam a identidade, as representações, a cultura escolar, a integração, o intercâmbio, o nacionalismo etc., na perspectiva de verificar o papel da cultura escolar no processo de reelaboração de imagens e reconhecimento do "outro" e a "si mesmo", importantes para se estimular a construção de identidades e de uma consciência histórica e cidadã.

Os resultados desses trabalhos estimularam o diálogo entre outros pesquisadores nacionais e internacionais, aprofundando o debate teórico-metodológico em torno dos princípios desse campo de conhecimento no âmbito do contexto escolar e fora dele.

DIAS (1997) se debruçou sobre o tema América Latina, nacionalismo, estereótipos, identidade dentre outros trabalhos, aprofundando os estudos sobre a cultura escolar no Brasil.

Em seu artigo lançado em 1999, intitulado “*A História da América na cultura escolar no Brasil: identidade e utopia*”, DIAS destaca que a década de noventa tem sido um marco no desenvolvimento de pesquisas e estudos sobre o ensino de História no Brasil.

Para a autora, uma das maneiras de que se dispôs para analisar, historicamente, a cultura escolar é rever o funcionamento interno da escola através da constituição e organização das disciplinas escolares. No entanto, a própria formação de uma disciplina escolar está articulada com os aspectos externos à própria escola, tais como: o contexto econômico, social, político e educacional da sociedade; os movimentos políticos e sociais, e os grupos de influência (editoras, instituições de pesquisa, liderança intelectual); os livros textos e as políticas governamentais, valores e necessidade socioculturais nacionais e internacionais.

A pesquisadora DIAS acredita que em meio a um debate na sociedade brasileira sobre as identidades nacional e latino-americana, no período caracterizado como “modernidade”, é possível entender o itinerário da disciplina de história da América no Brasil.

DIAS, (1997), conclui que a necessidade de uma identidade latino-americana foi incompatível com o apogeu do nacionalismo no Brasil nas primeiras décadas do século XX, condicionando de certa forma as mudanças verificadas no interior do ensino de História no curso secundário no Brasil.

No ano de 2004, DIAS publica um artigo, fruto da sua tese de doutorado, intitulado “*Nacionalismo e Estereótipos: A Imagem Sobre A América Nos Livros Didáticos De História No Brasil*”. Nele a pesquisadora analisou a visão de América presentes nos livros didáticos de História da América, através da imagem que o Brasil estabelece com as nações sul-americanas. Segundo a pesquisadora, o livro didático exerce um papel fundamental para se pensar a

questão dos conteúdos, das imagens, dos estereótipos e, conseqüentemente, da tendência do pensamento histórico educacional brasileiro.

Sendo assim, a autora se debruçou sobre os livros didáticos de História da América na década de cinquenta, com o objetivo de compreender como os conteúdos sobre a história americana foram conectados com a questão do nacionalismo, e qual imagem a sociedade brasileira elaborou sobre os povos americanos, tomando-os com referência para a construção de uma identidade nacional.

Ao analisar os livros didáticos, a autora percebe que a maioria dos autores, ao seguir o programa oficial, não levou em consideração os aspectos sociais e culturais dos povos americanos. Outros utilizaram uma linguagem árida e difícil, não levando em conta o nível cognitivo do aluno. Portanto, a autora analisou os conteúdos transmitidos pelos livros didáticos nacionais, com o objetivo de verificar quais ideias sobre o mundo, os livros didáticos veiculam, influenciando as crianças e jovens brasileiros.

A pesquisadora chega à conclusão de que os livros didáticos de História da América fortaleceram um “nós”, um ser brasileiro, voltado para construção da unidade da nação brasileira, apontando para um projeto civilizador, cujo modelo eram os Estados Unidos da América.

CRISTOFOLI (2002), em sua pesquisa de mestrado intitulada *“Intercâmbio cultural, ensino de História e identidade Latino-Americana: uma utopia possível?”*, analisou a fala de professores participantes do Acordo de Cooperação entre a Escola de Comércio Manuel Belgrano, da Universidade Nacional de Córdoba e o Colégio de Aplicação, da Universidade Federal de Santa Catarina. A análise envolvia a esfera política do MERCOSUL e seu impacto na educação. Sua pesquisa apresenta um estudo acerca do intercâmbio cultural entre duas instituições de ensino: no Brasil, o Colégio de Aplicação da UFSC; na Argentina, a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba.

Sua pesquisa contribuiu para uma reflexão sobre o papel da cultura escolar e do ensino de História na Construção de uma identidade latino-americana, bem como refletir sobre quais concepções de integração cultural e de ensino de História estão sendo propostos nos documentos oficiais do MERCOSUL Educacional, nas propostas curriculares e nos programas de

ensino, como também nas representações dos professores de História do Brasil e da Argentina, das referidas instituições de ensino.

Para a autora à integração, no sentido de promover uma conformação no desenvolvimento das nações latino-americanas, deixa uma grande lacuna para se compreender as relações sociais de hoje. Uma das justificativas seria a representação criada em torno da integração¹⁶ como sendo uma ameaça às identidades nacionais.

Diante disso, e segundo a pesquisadora, o intercâmbio seria um caminho, embora uma experiência micro entre as duas escolas e, portanto, pouco visíveis em âmbito regional. Assim, um dos grandes desafios diante do processo de integração regional seria a superação do desconhecimento¹⁷ dos países entre si, não só do MERCOSUL, mas de América Latina como um todo.

Os argumentos finais da pesquisa apontam que é possível pensar a integração a partir do intercâmbio, mas é preciso superar o isolamento, das semelhanças e das diferenças entendendo que são elementos que poderiam dar suporte a uma futura integração. Embora, o intercâmbio, como já exposto, seja uma atividade micro nesta complexa esfera latina.

Outra autora que inspira o conceito de Representação e analisa as narrativas de alunos, como também, compartilha e contribui para esta Dissertação é Maria José REIS (2004), em seu artigo "*Interculturalismo e educação: reflexões a partir de um intercâmbio discente*". A autora analisa as representações, a identidade, a cultura escolar e a cultura da escola, o cotidiano e o contexto familiar de alguns alunos intercambistas participantes do acordo.

A intenção da pesquisadora REIS (2004), em seu artigo, foi apresentar os resultados preliminares da análise das representações dos alunos intercambistas referentes a diferentes aspectos da realidade de ambos os países, expressas em respostas a um questionário encaminhado pela

¹⁶A questão da integração historicamente tem ocupado as discussões políticas no cenário latino-americano, quer na forma de acordo, quer através de projetos culturais. Sendo assim, a expectativa de um acordo de cooperação entre os dois países é um sinal desta busca pela integração pelo intercâmbio de alunos e professores para que, através da troca de experiências, possam entrar em contato com a realidade de cada país e de suas respectivas histórias, refletindo sobre questões de identidade e, por extensão, sobre a identidade latino-americana.

¹⁷Assim, se a ideia de interação está pautada sobre uma identidade latino-americana ela também perpassa estereótipos, representações, preconceitos entre outros elementos.

coordenação brasileira do intercâmbio, contendo quatro questões voltadas para o contexto familiar do país hospedeiro, seis para o escolar, uma que indagava quais os aspectos que mais chamaram a atenção na cultura do país hospedeiro e uma última abria espaço para outras considerações.

Em relação às representações dos alunos no cotidiano, na cultura e no contexto familiar, destacou-se o modo como ocorreu a interação do intercâmbio com a “nova família”. Já na cultura escolar, vários alunos fizeram observações comparando os conteúdos das disciplinas da escola de origem com a escola hospedeira.

A pesquisa (REIS, 2004) constatou a importância do intercâmbio discente e sua contribuição para a cultura sul-americana, como também a importância do ensino de História na formação de uma consciência histórica que elimine distorções frequentemente existentes nas histórias nacionais oficiais.

A pesquisa contribuiu, também, para identificar as representações e hábitos discriminatórios que afetam o olhar para o outro. Aspectos estes que também serão abordados nas expressões dos alunos neste trabalho de dissertação e são estes elementos que esta pesquisa pretende analisar nas narrativas dos relatórios do Projeto Córdoba.

SOUZA e SABINO (1999), em seu artigo intitulado “*Relatos de viajantes – o olhar sobre o “outro”*”, comentam que em 1994 deparavam-se com alguns dilemas e desafios: desenvolver uma atividade de ensino que fugisse do rigor cronológico linear que incorporasse, junto a um conteúdo geral sobre as navegações e a ocupação do Brasil. Ao mesmo tempo, pretendiam construir alternativas para atividades de ensino interdisciplinar que dessem a oportunidade de usar espaços para as ações pedagógicas que não estritamente em sala de aula.

Elas elegeram um tema e um eixo temático que contribuísse com as especificidades das disciplinas de Português e História, mas que possibilitassem essa liberdade em recortes programáticos e avaliação: o tema escolhido foi “viagem” e como eixo comum, “o olhar sobre o outro”. Isso permitiu que as disciplinas tivessem um ponto, tanto de saída quanto de chegada aos objetivos a serem alcançados.

Desta forma, organizaram as atividades de ensino em dois momentos no tempo: a disciplina de História discutia o século XV e XVI e a disciplina de Português, o século XX. A História trabalhava com os conteúdos das viagens marítimas e os descobrimentos; a disciplina de Português partiria da chegada da família Schurmann à Ilha de Santa Catarina, após dez anos de vida em um veleiro.

Ao final da atividade, que envolveu o tema viagem e o eixo temático “o olhar sobre o outro”, as pesquisadoras notaram que constituiu-se meios de aproximação para outros trabalhos interdisciplinares, bem como caminhos para a aplicação das novas contribuições da reflexão histórica no âmbito da produção do conhecimento escolar.

Como resultado final, as pesquisadoras apontam que foi possível, através das disciplinas, verificarem que o tema “viagem” é o grande tema de todas as linguagens conhecidas por colocar a questão do eu e do outro.

SILVEIRA VERÍSSIMO (2004), em seu artigo intitulado “*América Latina – Ensino e Poder*”, faz uma reflexão em torno do ensino de História, levanta também questões coerentes ao objetivo do ensino de História nos projetos de governo.

Para a autora, a compreensão das ações humanas, são resultado de vários fatores, que perpassam pela formação de valores pessoais, éticos, avaliações conjunturais, estratégias de dominação e jogo de poder. Em função disso, faz-se necessário mirá-las também como resultantes de uma relação complexa de representações e imaginários. Pois as práticas, compreendidas nesta perspectiva, resultam de uma relação de força entre o grupo que impõe as suas representações através da dominação e hierarquização do poder instituído, e outros que disputam, nesse espaço conflituoso, outra representação de mundo e de valores.

A pesquisadora verificou que as ditaduras militares dos anos 60, 70 e 80 na América Latina, puderam ser vistas como uma disputa pelo poder entre diferentes organizações políticas, perseguindo suas representações sobre um ideário de sociedade.

No Brasil, o projeto modernizador da ditadura militar teve uma intervenção direta na educação como instituição, construiu suas

representações através de um ensino patriótico e cívico que permeou seu ideário de nação.

Assim, fica explícita, através de um conjunto de decretos leis, a preocupação dos governos militares com as práticas políticas dos profissionais da educação, com o caráter doutrinário do ensino, bem como a história a ser ensinada. Como resultado desta política o Estado exerce um controle e regula a consciência, fazendo com que o ensino de História tivesse uma profunda relevância para esta política de legitimação.

CONCEIÇÃO (2010), em sua dissertação intitulada: *“Ensino de História e consciência histórica no Colégio de Aplicação da UFSC”*, se propôs a investigar a contribuição dos conteúdos latino-americanos na grade curricular de ensino do Colégio de Aplicação da UFSC, na formação histórica dos jovens na escola.

CONCEIÇÃO (2010) investigou qual a influência da disciplina ELA na construção de saberes históricos sobre a América Latina. Chegando a conclusão de que é possível afirmar que existe uma relação entre a História ensinada na disciplina ELA e a formação de uma consciência histórica Latino-americana.

A pesquisa consistiu na análise das narrativas históricas produzidas pelos 67 alunos que frequentaram a disciplina de Estudos Latino-americanos (ELA) da 7ª série do CA da UFSC em 2009. O objetivo foi investigar qual a influência dessa disciplina na construção de saberes históricos sobre a América Latina e que relação ela estabelece com a formação da consciência histórica dos jovens.

Segundo a autora, vivemos um momento de conformação e consolidação de blocos regionais na América Latina e o sentimento de pertencer a um lugar, a um grupo no qual desempenhamos um papel social, ao qual estamos emocionalmente e afetivamente ligados, e com o qual nos identificamos fator importante para o ser humano e sua formação como sujeito histórico.

As pesquisadoras Nancy AQUINO, Dante BERTTONE e Susana FERREYRA (2004), em seu artigo intitulado: *Enseñanza de Historia de América, Cultura Escolar e Identidade Latino Americana*, traçam uma investigação comparada sobre o ensino de História na Argentina e no Brasil,

feito a partir do Acordo de Cooperação entre os Colégios da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), e o Colégio da Universidade Nacional de Córdoba (Argentina).

A investigação estabeleceu como objetivo uma comparação dos currículos de ambas as instituições de ensino e os espaços que ministram a temática História da América, buscando, a partir de um elo, um estudo das representações e estereótipos que frente ao “outro”, o latino-americano, se confrontam estes alunos.

As autoras salientam que a história é uma disciplina fundamental para a transmissão das representações culturais, o discurso histórico se constitui em um portador de posicionamentos teóricos e ideológicos legitimados socialmente. Este discurso se expressa na cultura escolar de diversas maneiras, nas práticas de sala de aula, nos documentos institucionais.

FINOCCHIO (2004), em seu artigo intitulado “*Inclusiones y Exclusiones em los modos de contar la Historia em la Argentina*”, comenta que a Argentina, sobretudo Buenos Aires, com seus altos índices de escolarização e seu centro urbano projetado por arquitetos parisienses e espanhóis, via-se a si mesma como uma nação líder na América Latina e também como a mais europeia. Nos mitos coletivos que forjaram este imaginário nacional, a Argentina se apresentava como um lugar em que todos eram bem-vindos e poderiam ingressar na sociedade e na cultura.

Na realidade da escola, da “História da Pátria”, da “História nacional” eram um complemento de uma escola que encontrava sua força pedagógica nos ritos, nos atos escolares de oração a bandeira, numa espécie de missa laica, e o respeito pelos símbolos da pátria.

Por outro lado, a história da Argentina era um apêndice de uma história da civilização, uma história universal que tinha início nos estudos dos acontecimentos bíblicos e que, portanto, tinha sua gênese no Antigo Egito e Mesopotâmia. Deste modo, a história nacional se identificava com uma história da pátria e reforçava a adesão ao Estado que procurava integrar seus habitantes, os argentinos, à moderna civilização ocidental.

O tema é amplo e novos trabalhos têm surgido no cenário nacional. Destacamos as pesquisas realizadas por Luis Fernando CERRI e Gonzalo de AMÉZOLA (2007, 2009) que, ao tratar de aspectos da consciência histórica, os

relaciona com aspectos da juventude latino-americana. Trata-se de um *survey* intercultural que visa a levantar os elementos pertinentes à aprendizagem histórica, consciência histórica e cultura política de jovens de 15 anos no Brasil, na Argentina e no Uruguai.

Segundo os autores, a pesquisa se sustenta na ideia de que é possível levantar elementos da consciência histórica e da cultura política de populações determinadas por meio da resposta a questões nas quais os sujeitos identifiquem suas concepções gerais sobre o tempo e a história, bem como um levantamento sobre alguns aspectos do estado atual do ensino e aprendizagem de História (CERRI e AMÉZOLA, 2009. p. 02).

Todas estas pesquisas são fontes imprescindíveis para o desenvolvimento desta pesquisa e sendo assim o próximo capítulo se propõe a busca das impressões no levantamento das narrativas, feitas pelos alunos brasileiros no intercâmbio Brasil/Argentina, nos aspectos o “olhar sobre o outro”, experiências de integração, política e consciência cidadã, cultura escolar e contexto familiar.

CAPÍTULO III

AS REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS BRASILEIROS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC SOBRE O 'OUTRO'.

A narrativa é uma forma de representação onde cada indivíduo constrói suas narrativas e, portanto suas representações.

“Roger Chartier”

O objetivo desse capítulo é analisar as representações que os alunos brasileiros constroem sobre as experiências vivenciadas na Argentina durante o Intercâmbio Cultural de professores e alunos, realizado desde 1992 entre o Colégio de Aplicação da UFSC (CA), e a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba, em Córdoba, Argentina. A intenção é perceber se a cultura escolar, no intercâmbio entre as duas escolas, estimulou nos alunos a construção de identidades na perspectiva de reconhecer o "outro" e a "si mesmo", resignificando as imagens sobre a América Latina.

Neste capítulo, serão objeto de análise as representações dos alunos brasileiros intercambistas reproduzidas nos quatro relatórios (2001¹⁸-2002¹⁹-

¹⁸O ano escolar de 2001 foi atípico tanto na UFSC, como para a Escola Superior de Comercio Manuel Belgrano, pois esse ano escolar foi marcado por reivindicações trabalhistas na Argentina e no Brasil, culminando na greve. A greve causou “prejuízos” para os alunos do intercâmbio, pois inviabilizara atividades previstas para os espaços escolares e as inter-relações de alunos e professores. Devido a greve dos trabalhadores da educação na Argentina, os intercambistas brasileiros tiveram uma vivência maior com os colegas argentinos e seus familiares com relação ao mundo acadêmico/escolar. A greve possibilitou um olhar diferente na questão política e o engajamento dos alunos argentinos nesta questão suscitou o interesse dos alunos brasileiros.

¹⁹O ano de 2002 seria marcado pelas comemorações relativas aos dez anos de Projeto Córdoba, com atividades diferenciadas daquelas até então desenvolvidas. Portanto, no aniversário do projeto seriam realizadas oficinas em Córdoba e em Florianópolis com duração de uma semana. Professores das duas instituições e grupos de adolescentes cruzariam a fronteira com o objetivo de discutir um dos aspectos da questão da globalização, tema que foi estudado e desenvolvido durante um ano. Este talvez tenha sido um dos aspectos significativos do projeto de 2002, inserir jovens num processo de discussão política num processo de cruzamentos de olhares. As oficinas tiveram como finalidade aproximar os alunos, assim, foram trabalhados alguns textos de ambos os países, em que se discutiu, na ficção a identidade e aspectos culturais, com enfoque especial para a questão da desconstrução de alguns estereótipos nacionais, intensificados e/ou cristalizados por falta de conhecimento e de contato com realidades diferentes. As oficinas procuraram estimular os alunos para uma produção que levasse em conta a realidade da América Latina.

2005²⁰-2006²¹), disponibilizados pela Coordenação do Projeto Córdoba, no Colégio de Aplicação da UFSC. É importante ressaltar que os relatórios diferem de um ano para o outro, em suas particularidades. E em cada respectivo ano as abordagens são diferentes, os aspectos do intercâmbio também, assim como, cada grupo de alunos têm uma perspectiva sobre o que irão encontrar no país vizinho.

É este processo de aprendizagem, que o Projeto Córdoba propõe; a relação do confronto entre o 'eu' e o 'outro', entre um 'antes' e um 'depois', que torna atraente este material e sua análise.

Alunos (a) participantes do Acordo de Cooperação no período estudado:

	Homens	Mulheres	Idade	Período
2001	2	4	Entre 14 anos	2 meses
2002	4	2	Entre 14 anos	2 meses
2005	3	6	Entre 14 anos	2 meses
2006	3	8	Entre 14 anos	2 meses

Cada ano em especial foi marcado por um acontecimento:

2001	Comemoração dos quarenta anos do Colégio de Aplicação.
2002	Um aspecto significativo das atividades do Projeto foram as oficinas: inserir adolescentes num processo de discussão política a ser debatida pelo cruzamento de dois olhares culturais distintos.
2005	Processo de integração – a inclusão da língua espanhola no Colégio de Aplicação.
2006	1º encontro Latino Americano de Adolescente Simon Bolívar em alusão aos 500 anos da conquista da América.

²⁰No décimo terceiro ano de trabalho o Acordo de Cooperação entre as duas escolas foi motivo de satisfação e pioneirismo na experiência educativa. Assim, em 2005, o documento inicia-se com as seguintes declarações: com a certeza que a educação e a cultura são instrumentos sólidos para a construção de novos paradigmas no sentido de construirmos uma nova América Latina onde a fronteiras não sejam limites restritivos, mas possibilidades de integração, de desenvolvimento social de idealização de um cidadão latino americano, onde a língua, sem perder suas origens, sejam possibilidades de criação de novas formas de comunicação, onde vivências, entre nossos povos de nossas manifestações culturais sejam possibilidade de criação de novas formas de representações culturais. (Relatório/2005).

²¹As Instituições firmaram como meta manter o intercâmbio de estudantes, e tentar viabilizar trocas de experiências entre os docentes, pois acreditam que este caminho pode trazer mais aporte de conhecimento, procedimentos metodológicos administrativos para as duas Escolas.

Embora cada ano tivesse sua particularidade, as narrativas no período estudado como um todo sinalizam estereótipos e preconceitos por parte de alguns estudantes brasileiros.

E de fato, os alunos intercambistas do CA utilizam-se de narrativas para contarem sua história, de forma que no texto é o olhar do 'outro' que predomina no espaço sócio/cultural da narrativa.

Em muitas narrativas dos alunos (a) brasileiros há elementos que se destacam para análise deste trabalho. No entanto, nos relatórios analisados (2001, 2002, 2005 e 2006), existem muitas narrativas semelhantes. Por isso, o critério utilizado na busca das narrativas foi pautado nos relatos que se distanciassem da semelhança com os já escritos. Muito embora, um ou outro tenha sido utilizado na pesquisa.

A construção da identidade é tanto individual como coletiva, portanto, nos códigos culturais adquiridos entre os grupos sociais tais como: a família, a escola, os amigos, bem como um complexo meio social que há a possibilidade de contatos múltiplos com as diferentes expressões e estratégias culturais. É na relação com o 'outro', que se constroem a identidade.

Para WOODWARD (2004):

[...] as afirmações sobre diferenças só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade. Dizer que "ela é chinesa" significa dizer que "ela não é argentina", ela não é japonesa" etc., incluindo a afirmação de que "ela não é brasileira", isto é, que ela não é o que eu sou. As afirmações sobre diferenças também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre "outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis (WOODWARD, 2004, p.75).

É nesse processo de desenraizamento, isto é, a experiência de uma nova cultura em seu país de origem que os alunos intercambistas constroem suas narrativas. No olhar sobre o 'outro', dentro do espaço social, suas histórias viabilizam esta pesquisa e as narrativas por eles produzidas torna-se forte material para o estudo da educação.

3.1 - Em busca das impressões e representações dos alunos

As reflexões apresentadas descrevem as narrativas sobre a experiência vivenciada no intercâmbio dos alunos do Colégio de Aplicação da UFSC. Serão objeto de análise, nestas narrativas, as representações dos alunos, produzidas nos quatro relatórios do Projeto Córdoba. Como já foi afirmado: cada ano do projeto tem sua especificidade tais como: os sujeitos na produção das narrativas e o contexto que ocorreu esta produção.

Ao analisar as narrativas dos alunos, é bom salientar que o próprio Projeto Córdoba promove a integração entre os alunos intercambistas. Desta forma, seria prudente pensar o Projeto Córdoba como um agente transformador neste espaço social.

As reuniões preparatórias tiveram como objetivo fundamental preparar tanto os candidatos ao intercâmbio Discente quanto suas famílias. Os temas em pauta normalmente tentavam abarcar o máximo de questões relativas aos interesses das famílias, bem como informações e reflexões sobre semelhanças e diferenças culturais, espaciais, históricas e conjunturais dos dois países.

Foi promovido encontro entre as famílias que já participaram dos intercâmbios anteriores, para falarem sobre suas experiências e a partir destas falas as famílias candidatas tiveram a possibilidade de refletir os vários aspectos do intercâmbio, compreender o sentido de possibilitar a seu filho (a) esta vivência.

Durante a preparação, para o intercâmbio, encaminhamos às famílias algumas questões que possam promover um debate familiar e gerar questionamentos, que entendemos serem importantes, nesta etapa da preparação. (ver anexo).

É interessante notar que a maioria das famílias se achavam preparadas para o afastamento do adolescente. No entanto, a efetivação da experiência demonstrou a fragilidade desta afirmação.

Conforme relata a mãe de uma intercambista:

Para a nossa família o intercâmbio significa um momento de crescimento; e mais, de encontro do indivíduo consigo mesmo. Acreditamos que esta é uma oportunidade única, pois que, ela representa um aprendizado importante na formação da personalidade do adolescente. Dizer que a família está preparada para ficar dois meses distante de um filho é impossível, pois acreditamos que somente quando a experiência estiver em curso é que poderemos dimensionar o que significa tanto para família quanto para a adolescente.

A cada ano percebe-se que algumas famílias se envolvem como o Acordo, com uma possibilidade relativamente barata e segura de realizar um intercâmbio de curta duração. Estas famílias contribuem para a consolidação do trabalho, refletindo e reconhecendo o que é realizado pelo grupo de coordenadores brasileiros e argentinos.

Os encontros são realizados no Colégio de Aplicação, no período noturno, quando as famílias estão liberadas do horário de trabalho, ou em finais de semana na casa de uma das famílias candidatas, para aproximar e conhecer melhor grupo.

As narrativas trazem relatos paralelos escritos num intervalo entre o primeiro documento (2001) e o último documento (2006) de aproximadamente cinco anos. Os dois primeiros documentos (2001-2002) são ininterruptos. Os dois últimos documentos (2005-2006) também. O que chama a atenção para este primeiro espaço de tempo (2001-2006), e os documentos ininterruptos (2001-2002/2005-2006), é o fato que apresentam traços comuns, questões de estereótipos, preconceitos, integração e representação sobre o outro na esfera da América Latina.

O projeto Córdoba ao propor uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças culturais entre as duas nações (Brasil/Argentina), visa também estimular uma identidade latino-americana. Deste modo, a reflexão sobre o significado que os alunos do CA/UFSC atribuem no contato com o “outro”, argentino, demonstra a importância do Projeto, ainda que em nível micro da esfera educacional, para os processos de integração latino-americana.

Mas o Projeto não se limita apenas nestes aspectos, ele também estimula o autoconhecimento, além do mais, propõe a seus alunos pensar numa desnaturalização de determinados aspectos da própria cultura, ou seja, ver o ‘outro’ sem preconceitos.

Este trabalho constitui, portanto, num processo de análise das narrativas, nas representações expressas em diferentes circunstâncias pelos intercambistas brasileiros. Para tanto, foi elaborado um roteiro contendo as principais questões levantadas nos relatórios.

2 – Experiências de integração
3 – Política e Consciência Cidadã
4 – Cultura Escolar
5 – Reflexões sobre cotidiano, cultura e contexto familiar.

Mas, o que chama a atenção nestas narrativas? Em primeiro lugar, a noção de integração, os estereótipos, o nacionalismo, os preconceitos com relação ao desconhecido e ao 'outro', expresso em diferentes narrativas.

WOODWARD (2004) relata que “certas características, como aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo” (WOODWARD, 2004, p.93).

Para WOODWARD (2004) esta postura define uma forma de posicionamento:

Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Consideremos as diferentes “identidades” envolvidas em diferentes ocasiões, tais como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. Em certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmo – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando (WOODWARD, 2004, p. 30).

Assim, o que as narrativas revelam estão em consonância com uma postura no meio social de cada indivíduo, e como ele a representa e ressignifica esta imagem do seu universo social.

Enfim, a relação entre o intercâmbio cultural (Brasil/Argentina), realizado pelo Projeto Córdoba passa a ter um significado maior à medida que estes alunos intercambistas relatam, em suas narrativas, como o meio social está, de fato, influenciando o seu modo de agir e pensar, não apenas isso, mas como devolutiva o Projeto Córdoba vê nessas reflexões, narrativas, um meio propício para uma postura positiva e cidadã em relação ao próprio conceito do projeto.

3.2 - O Olhar sobre o outro

A análise das narrativas dos intercambistas brasileiros se dará sob o aspecto da imagem que fazemos sobre o “outro”, expressando o olhar que se tem sobre este “outro”, que através das representações, impulsiona novos significados.

Para WOODWARD (2004):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos transformar (WOODWARD, 2004, p. 17).

Observe o que relata Tomas Tadeu da SILVA (2004): “É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que por assim dizer; a identidade e a diferença passam a existir” (2004, p. 91).

Para HALL (2005), o mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural.

A intercambista **Yolanda**²² relata uma de suas primeiras experiências em Córdoba, referente à cultura.

A cultura é um aspecto importante a ser citado, nas casas, uma das coisas que eu penso que teve um choque maior, foi o banheiro não possuir chave, mas, com o tempo nós se acostumamos. Fora de casa, percebi que a religião não é tão forte, que no trânsito eles são bem mal-educados, que na própria relação BRASIL/ARGENTINA, há alguns preconceitos, mas, não que aqui não tenha esse preconceito também.

O choque que ela narra se dá na relação com a diferença no cotidiano familiar e da cidade, e na semelhança em relação ao preconceito, que “existe tanto lá como aqui”.

Nesta perspectiva, o Projeto Córdoba tem como um de seus objetivos romper com os estereótipos tão fortemente arraigados entre as duas nações, sobretudo na questão da rivalidade esportiva, como bem aponta a intercambista **Bárbara**.

De certa forma, quando sai do Brasil já tinha algumas opiniões sobre o assunto, mas nesses dois meses alguma coisa mudou em relação a isso. [...] Dizer uma visão comum a todos de ver um o outro já me

²² Os nomes dos intercambistas foram alterados para não expor diretamente os envolvidos no processo, para tanto os nomes usados são meramente fictícios, sem qualquer relação com os nomes reais dos alunos participantes do Projeto Córdoba nos respectivos anos analisados.

parece um erro. As pessoas têm opiniões diferentes sobre todos os assuntos e sobre esse não deve ser diferente. O que acontece é que opiniões “desviam dos objetivos de alguém” pode trazer maiores problemas. Assim, as pessoas acabam não formando essa opinião sozinhas. [...] Formar uma visão geral do povo brasileiro ou argentino, é algo tremendamente complicado. Não existe uma opinião certa ou errada ou uma melhor ou pior do que a outra... de certa forma todos levam um pouco de “verdades e mentiras”... não foi difícil perceber durante esse período que uma visão já formada por parte de ambos os países, que cada vez mais vai sendo expandida e acentuada.

Conforme coloca a intercambista, “[...] a suposta rivalidade existente entre esses dois povos é algo construído e sustentado pelos estereótipos que, por sua vez, são consequências da pouca vivência entre os dois povos, da interferência da mídia, e de interesses de “outros”, ou seja, é uma percepção culturalmente construída e reproduzida no cotidiano das duas nações.

Também a intercambista **Carolina**, transmite a ideia de semelhanças e diferenças: “[...] Não que sejam tão diferentes como dois planetas afastados, porque, no mundo global em que vivemos hoje, há uma tentativa no ar de que todas as vidas se padronizem.” Para esta aluna, Brasil e Argentina são, ao mesmo tempo, diferentes e semelhantes. No entanto, ela mesma constata que há no mundo atual uma ideia de que todos sejam iguais e por isso a questão da estereotipia se torna tão forte, a ponto de nosso olhar, nossa postura, com relação ao “Outro”, ao diferente, ser algo naturalizado, homogeneizador.

Ao mesmo tempo em que temos essa visão naturalizada sobre o “outro”, também, muitas vezes, não sabemos como agir diante do desconhecido, conforme narrativa da intercambista **Helena**, cujas palavras colocamos abaixo.

Um pouco antes de chegar [...] o nervosismo estava à flor da pele [...]. Já perguntávamos uns aos outros o que dizer para a família que nos esperava, como entregar as lembranças e as comidas que havíamos trazido do Brasil, ninguém sabia ao certo o que fazer e como reagir, pois nós estávamos de certa forma à beira do desconhecido.

Nesse momento da narrativa, a aluna **Helena** está enfrentando um dilema ao relatar que estava a “beira do desconhecido”. Como protagonista da grande aventura vivida por todos, (elas/eles) são mais que meros espectadores nestes acontecimentos, pois como relata a narrativa, “ninguém sabia ao certo o que fazer”, este momento se caracteriza pela perplexidade do que há de vir.

Uma narrativa interessante é a da intercambista **Sofia**, que se mostra indignada diante de questões como estereótipo e preconceito, chegando a empregar o vocábulo “ridículo”: “Chega a ser ridículo observar como duas nações tão parecidas quanto Brasil e Argentina, com tantas belezas e problemas semelhantes, têm visões tão negativas um sobre o outro”.

Segundo ela, essa visão negativa é prejudicial, pois fecha nossos olhos para as coisas boas que o outro tem a oferecer, vendo apenas o lado ruim: “Como é mais fácil dizer que o argentino é sujo e mal-educado! Para falarmos o contrário é necessário antes de tudo conhecimento, e é muito mais cômodo lavar as mãos do que simplesmente reclamar, não é?”. E continua a mesma entrevistada propondo uma alternativa para amenizar o preconceito existente entre as duas nações.

Abro aqui um pequeno parênteses para dizer que, por outro lado, apesar desse assunto ter sido tratado na oficina, penso que não há que mude tanto os nossos conceitos do que estar lá respirando o ar cordobês, ser recebida com sorrisos e faixas, virar celebridade na escola, receber cartinhas e pequenos presentes... Não há nada mais lindo do que estar lá e ver com os próprios olhos, a verdadeira cara e a real beleza do povo argentino.

Apesar desta alternativa, **Sofia** constata que o preconceito é algo enraizado e vai além do eterno conflito Brasil/Argentina, pois está presente nos nossos dias, enraizado em nossa cultura e domina nossas ações”; pondera ainda, que nos resta fazer uso de uma boa dose de bom senso “antes de se deixar levar pelos perigos o estereótipo, impedindo que ele cresça e assuma sua versão mais maligna: o preconceito...”.

É interessante também a narrativa de **Rita**, que tinha uma concepção de que Argentina era apenas um país vizinho: “mas depois dessa experiência percebi que somos muito parecidos, somos quase irmãos, e devemos continuar fazendo este tipo de integração, como o intercâmbio, pois proporciona uma visão de integração do nosso país não só com a Argentina, mas possível em toda a América Latina.”

Continua ela: “[...] este intercâmbio foi uma oportunidade única aonde pude ter muitas experiências boas e ao mesmo tempo mudar conceitos que tinha. Pude também amadurecer um pouco a partir de toda a convivência com o novo, o diferente e ao mesmo tempo o parecido.”

Outra intercambista, **Lourdes**, narra que sua visão sobre a Argentina, após o intercâmbio, mudou completamente, confessando inclusive que antes de ir tinha “um pouquinho de preconceito, eu fui mesmo com uma pontinha de preconceito contra os argentinos. Mas chegando lá vi que não era nada disso...”

Segundo HALL (2005), as identidades estão sujeitas a um processo, radical ou não, a constantes mudanças e transformações. Podemos pensar então, que a identidade parte de recursos da sociedade e sua cultura, história e linguagem, e na complexidade deste todo somos moldados e mudamos nossas visões de mundo como salienta a narrativa acima da intercambista **Lourdes**.

Neste contexto, a narrativa é um processo da imaginação construída na qual expomos nossos pensamento, ideologias, maneiras de nos posicionar na vida e como encaramos o desconhecido, o outro. Assim, o aprendizado de práticas variadas, provindas de outros povos, comprova que o intercâmbio cultural é projeto aceito pelos alunos e vivenciado de forma positiva no processo de formação destes jovens.

Para **Diva**, a experiência do intercâmbio é difícil de descrever: “a formação do jovem é tão positiva, ultrapassando preconceitos, pulando a barreira da ideia do que é um território, e o que é o “MEU MUNDO”. Como aponta HALL (2005) quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado de estilos, lugares e imagens, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições. Fazendo-nos confrontar com uma gama de diferentes identidades, dentre as quais parece possível fazer uma escolha.

Este pensamento também é compartilhado por **Heloisa**, ao refletir sobre o intercâmbio e sua estada em Córdoba:

[...] se o objetivo deste intercâmbio é promover interação entre os dois países e quebrar preconceitos, penso que o mesmo obteve o sucesso esperado. Estou certa que nunca mais iremos nos referir de forma pejorativa aos argentinos, principalmente após conhecermos a profunda admiração (apesar da inegável rivalidade) que eles têm para com o Brasil. Creio que poucas vezes me senti tão orgulhosa de ser brasileira!

O jovem **Alberto** trata da rivalidade existente entre Brasil e Argentina: “a rivalidade inútil existente entre nós não nos permite uma união” segundo ele, o intercâmbio auxilia na quebra desta rivalidade, sendo este um dos objetivos do Projeto Córdoba, a quebra de estereótipos e o estreitamento de relações

culturais através do presente intercâmbio, como também conhecer aspectos específicos de cada cultura, em particular, e possibilitar a reflexão a respeito de uma identidade latino-americana. Bem como possibilitar a reflexão a respeito de elementos comuns, e, portanto integradores, não deixando de reconhecer e de identificar os aspectos plurinacionais e pluriculturais das referidas sociedades.

O intercâmbio entre as duas escolas propunha encontros e oficinas, numa dessas oficinas realizadas no Colégio Belgrano, na Argentina o tema (Brasil e Argentina) foi palco para reflexão. **Rodrigo**, um dos participantes da oficina declarou:

[...] por fim, houve uma discussão cujo tema central era: de que maneira brasileiros e argentinos poderiam se aproximar, fazendo com que fôssemos países e povos cada vez mais unidos? Uma das respostas mais congruentes foi a de que nós só poderíamos viver unidos se nós buscássemos o conhecimento da cultura e do povo brasileiro e argentino.

Por fim, **Rodrigo**, encerra seu pensamento ao declarar:

Para mim, essa viagem a Córdoba foi uma experiência inesquecível em diversos aspectos, tais como conhecer outra cultura, conviver escutando o castelhano... Todavia, o que mais me surpreendeu nessa viagem foi conhecer realmente quem eu sou e como eu sou.

É como se expressa Stuart HALL (2005): “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre as operações de incluir e de excluir. Como vimos dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos” (HALL 2005, p. 82).

3.3 – Experiências de integração

Nesta seção, a abordagem se dará com relação às experiências de integração vivenciadas pelos intercambistas brasileiros, durante sua estada em Córdoba, Argentina.

Para a pesquisadora CRISTOFOLI (2002), a temática da integração reabre as discussões em torno de identidades sociais. A autora argumenta que um dos grandes desafios diante do processo de integração regional seria a superação do desconhecimento dos países entre si, não só do MERCOSUL, mas da América Latina como um todo, e de fato, segundo a autora esse

desconhecimento levou a distorções frequentemente existentes nas histórias nacionais, gerando preconceitos.

Portanto, do ponto de vista da autora a importância da aproximação, da superação do isolamento, das semelhanças e das diferenças são elementos que poderiam dar suporte a uma posterior integração.

Neste sentido, o que as narrativas dos intercambistas revelam sobre a integração? Ao comentar sobre a experiência do intercâmbio, a intercambista **Ana** diz que: “Córdoba foi, sem dúvida uma experiência inesquecível. A vivência com pessoas de outro país, outra cultura, outra forma de viver e de ver a vida, fez com que eu crescesse e desse mais valor para o diferente, pois ele é muito importante”.

Desse modo, o objetivo do Projeto Córdoba, referente à integração entre os países envolvidos, inspira e estimula uma identidade positiva através do olhar para as semelhanças e diferenças culturais.

Para a intercambista **Carolina**, a experiência também foi positiva, como ela mesma relata.

Tudo foi válido para enriquecer mais e mais esta experiência. Desde a casa, a escola, pessoas estranhas, o projeto, tudo; tenho a impressão de que esta experiência não será esquecida tão cedo, e mesmo que possa ter parecido para mim, tão curtinho, ou que chegando no final gostaríamos de ficar mais uma semaninha, foi um prato cheio de conhecimento, e também de diversão, sem dúvida.

Um ponto que nos chamou a atenção numa das narrativas do Relatório de 2001, foi a iniciativa da intercambista **Ana** em se integrar à família cordobesa que a acolheu, procurando respeitar e inserir-se em seus costumes: “ O que eu achei mais engraçado, é que eu não tive grandes dificuldades com a minha família. Eu sempre procurei fazer o máximo para estar dentro dos costumes da minha família.”

Enquanto que na integração familiar a mesma não teve dificuldades, o mesmo não ocorreu no ambiente escolar, ao menos nos primeiros dias, em que ela não conseguia interagir com os argentinos em função da barreira criada pela língua, como **Ana** enfatiza:

Eu passava as aulas quietinha e no “recreio” eu passava com os brasileiros. Foi impressionante como de repente eu acabei ficando amiga de todos quase sem exceção. Com o tempo, eu fui mudando, perdendo a vergonha e vendo que quanto mais eu falava, mais eu aperfeiçoava a língua e mais eu fazia amigos.

Já a intercambista **Bárbara** teve a preocupação de, antes de ir para o intercâmbio, entrar em contato com ex-intercambistas para procurar informações sobre o que encontraria lá. A partir da fala destes, saiu do Brasil com a visão de que nunca estaria sozinha. No entanto, segundo sua narrativa, não foi o que aconteceu: “[...] No começo foi assim, as atenções eram redobrados comigo por parte de todos do curso, mas já na primeira semana era como se eu não existisse. Eu era a terceira brasileira que ia para a sala deles então não era mais uma novidade.”

Assim como para **Bárbara**, também para **Helena**, a integração não decorreu de forma tranquila, pois contratempos surgiram desde o dia de sua chegada à Córdoba.

Na noite em que cheguei em minha casa na Argentina, a primeira coisa que tive vontade foi chorar[...]. Nesta noite liguei para minha mãe para dizer q estava bem e como era em Córdoba [...], quando escutei a voz de meu irmão no telefone a vontade que tive foi de chorar muito, e com minha mãe não foi diferente, pois tudo que eu mais detesto (cigarros, cachorros e gatos) me rodeavam naquele exato momento e por toda a semana que começava nada iria mudar... Realmente eu estava assustada com a situação.

No entanto, para **Heloisa**, “[...] houve uma integração bem legal, todos nos tratavam como se fôssemos seus irmãos também”.

Uma sensação próxima teve **Luiza** já no seu primeiro dia de aula: “[...] quando cheguei no primeiro dia de aula foi fácil me enturmar com todos, além de sentir que eles tem muito mais curiosidade e interesse em brasileiros que nós a eles, assim foi de me integrar na minha sala com meus companheiros”; em relação aos professores, a integração também foi fácil: “[...] não tive nenhuma dificuldade, mas me pareceu que eles não foram informados sobre a nossa chegada porque nem todos sabiam que eu era brasileira e que estava no intercâmbio”.

Um fator que contribuiu negativamente para a integração da aluna **Denise**, deu-se através da exposição de um noticiário na mídia. **Denise** comenta sobre este assunto ao relatar:

[...] o que mais me impressionou na cidade foi o estado que ela se encontrava, ou melhor, não se encontrava. A mídia mostrava o estado de caos em que a Argentina se encontrava graças à crise. No começo, antes de decidir se eu realmente ia a Córdoba, isso realmente preocupava a mim e a minha família.

Nas falas, nas expressões, nas narrativas dos jovens alunos e alunas intercambistas brasileiros fica evidente um processo de integração e compreensão do outro, de suas realidades e características. Entretanto, no processo de integração nem tudo foi positivo. Alguns jovens intercambistas não conseguiram ter uma experiência tão apurada quanto seus companheiros. Neste processo de ver o outro, como também a si mesmo e produzir um auto-conhecimento. É uma relação consigo mesmo, com o “outro” e com o “nós”. Estes jovens intercambistas, por motivos que ultrapassam a experiência do intercâmbio, do ponto de vista da integração não atingiram este alvo.

Portanto, pensar em formas e processos de integração e convivência com outras nações é um fator de longo a médio prazo para se pensar em uma sociedade mais justa do ponto de vista do respeito ao outro e a própria realidade das construções culturais dos indivíduos.

3.4 – Política e Consciência Cidadã

Como é colocada por REIS (1999), uma consciência cidadã envolve ser capaz de identificar as semelhanças, conviver solidariamente com as diferenças e lutas para vencer as desigualdades.

Para **Carolina**, política e consciência cidadã são aspectos ligados à cultura, pois para ela:

[...] tudo é questão cultural: desde a higiene pessoal e a forma de se vestirem, até a força de resistência, de ir para as ruas, de abraçar o colégio, de se posicionar diante da história que passa ao seu redor [...], para reforçar que também nós temos uma cultura que têm procurado fazer a história.

A constatação acima se dá também em função do momento político e social que se vivia na Argentina no ano de 2001, devido à greve dos trabalhadores da educação instaurada naquele período do intercâmbio, onde os alunos brasileiros puderam perceber o engajamento político de professores e alunos na luta por melhores condições de trabalho.

Outra observação da aluna acima é referente ao patriotismo, especificamente no que diz respeito ao hasteamento da bandeira nacional, que ocorre todos os dias na Argentina, enquanto que no Brasil, este rito é

abandonado quando terminamos a escola primária: “...durante o hasteamento da bandeira que acontece todos os dias antes das aulas iniciarem, ao som do hino da bandeira...”

Além disso, o patriotismo não se dá apenas na esfera do rito, mas também no engajamento e participação dos alunos em movimentos de greve, conforme narra a intercambista **Flora**: “Eu percebi que a greve [...] é muito apoiada pelos estudantes. [...] são mais organizados e fazem muitas atividades durante a greve. São mais politizados. [...] Neste aspecto, penso que podemos trazer esses exemplos para nós aqui.” Segundo ela, “os argentinos parecem ser mais nacionalistas que os brasileiros”.

3.5 – Cultura Escolar

Nesta seção, daremos ênfase às observações dos intercambistas brasileiros sobre os ritmos, os espaços, os conteúdos e as semelhanças dentro do contexto escolar.

A pesquisadora Diana Gonçalves VIDAL (2004), tem uma profunda preocupação com a problemática da cultura escolar, pois para ela os educadores no campo educacional reconheceram a existência de uma cultura escolar que demandava investigação. Nesse sentido, os pesquisadores buscaram lançar luz sobre aspectos das relações dos espaços e tempos escolares buscando articulá-los com os tempos e espaços sociais mais amplos. Ao enfocarem a multiplicidade dos sentidos instituídos ou apropriados pelos sujeitos escolares em torno dos tempos e espaços escolares e, sobretudo, ao colocarem estas dimensões em íntima relação com as representações e práticas sociais estruturantes da vida social e cultural.

É esta relação de espaço escolar, sujeitos escolares, tempo e espaços escolares e, sobretudo como ressalta a autora acima, a íntima relação com as representações e práticas sociais, na vida e na cultura destes jovens que se destacam suas narrativas.

Em relação às práticas escolares, o que percebemos nas narrativas dos alunos brasileiros, é uma comparação entre o lá e o cá, sobretudo a forma

como os conteúdos são ministrados, como constatamos na fala da intercambista **Carolina**.

[...] o que me chamou mais a atenção foi à forma com que é lecionado o conteúdo: tudo através de guias, que são apostilas entregues pelos professores sobre cada assunto trabalhado, onde contém os exercícios e os textos que são utilizados nas aulas referentes ao assunto. Também algo que se diferencia é a questão de estar, na maioria das vezes mudando de sala de aula, praticamente todas as aulas eram em salas distintas. Há também o fato de o Colégio ser de período integral, ou seja: as aulas iniciam as 7:45h, e são aulas de 1:30h, sendo que entre cada aula há um espaço de 10 min. São 3 aulas até o horário de almoço, que inicia as 12h e termina a 1:15h, assim mais 2 aulas no mesmo sistemas de 4h.

No que se refere aos professores, a aluna acima relata:

[...] com os professores foi interessante pelo fato de alguns quererem minha opinião sempre sobre o que se discutia, (talvez imaginando dessa forma ter a opinião de uma nação em geral), e outros apenas ignorando minha presença em sala. Não houve casos de o professor me tratar mal de alguma forma pelo fato de minha nacionalidade ou de meu estado (intercambista) ali em sala. Com relação ao relacionamento com meus colegas de sala, realmente me encantou a maneira como alguns me receberam, como me escutaram, era como se tivesse interesse em me conhecer, conhecer meu país, e na maioria das vezes meu idioma.

É interessante também notar na fala de **Carolina**, a constatação de que ela estaria representando toda a nação brasileira, quando coloca que alguns professores pediam sua opinião sobre determinado assunto, como se sua voz fosse a voz de todo o Brasil.

No que diz respeito aos professores, **Ana** aponta diferenças entre os professores da Manuel Belgrano e os do Colégio de Aplicação, na relação professor-aluno.

No Colégio de Aplicação todos os professores te conhecem, sabem quem você é, alguns criam certo carinho por você, e você por eles. Já no Belgrano, as coisas não são assim. Você se sente meio sozinho no meio de tantos professores que te consideram apenas mais um aluno. Você percebe a relação de respeito que eles tentam impor quando você é obrigado a levantar quando um professor entra na sala.

Já **Brás** aponta diferenças dentro da mesma instituição, a Manuel Belgrano, dizendo que o que mais lhe chamou a atenção foi a formalidade em alguns casos e a liberdade em outros: “[...] o hino tocado toda manhã e ter de ficar em pé quando o professor entrava na sala. Já em controvérsia, os alunos

tinham liberdade para tomar mate ou comer no meio da aula, ou até escutar música no discman desde que fizesse os exercícios”.

3.6 – Reflexões sobre cotidiano, cultura e contexto familiar.

Um dos aspectos citados pelos intercambistas é o referente à alimentação, como constatamos na fala de **Carolina**.

Em relação à alimentação, não tive problema algum senão o fato dos horários de janta, que na minha casa era em torno das 9 horas, e o almoço, que era sempre no colégio, por ser período integral, o que me cansou um pouco, mas nada como o dia-a-dia para se acostumar rapidinho.

Desde o momento inaugural do Projeto Córdoba até o recente momento uma preocupação era recorrente: que não se esgotassem neste ir e vir dos alunos e a permanência deles nas escolas envolvidas, as iniciativas de pesquisas.

Em 2001, os alunos intercambistas deveriam apresentar um projeto de pesquisa/estudo logo após a seleção. O mesmo deveria ser desenvolvido enquanto permanecesse no “outro” país ou na “outra” escola.

Nesta perspectiva, a aluna **Carolina** desenvolveu um projeto cujo objetivo era perceber a riqueza do centro histórico e a cultura da cidade de Córdoba, como a mesma relata.

Sobre o meu projeto que tive que desenvolver lá, digo que tive grande prazer em realiza-lo. É verdade! Também, o tema que escolhi, logo percebi que havia feito uma boa escolha; foi um tema que, além de ser do meu interesse normalmente, chegando lá posso dizer que foi melhor ainda, pois o centro histórico desta cidade é realmente riquíssimo; seria algo que me instigaria a pesquisar mesmo se não fosse meu tema de pesquisa. E também porque senti ter aprendido sobre a história do povo cordobês, e conseqüentemente um pouco de sua cultura e organização política, suas relações na antiguidade.

Sobre alimentação, a intercambista **Yolanda** também narra a sua experiência.

(...) quanto o assunto foi comida, esse tive um pouco de problemas, pois, sendo de uma família vegetariana, opto pelas frutas, cereais. Coisas mais naturais, e minha família é carnívora, mas, isso eu consegui superar em 1 semana, depois disso foi tranquilo. Uma coisa que me ajudou à resolver esse problema, foi que a minha família não possui um horário fixo de janta, não era necessário sentar à mesa todos juntos.

Em quase todas as narrativas, encontramos depoimentos sobre ser a carne elemento essencial no prato dos cordobeses, como coloca **Flora**: “a alimentação da minha casa era toda baseada em carne, mas era muito boa. Tudo que eles faziam eu gostava. Adaptei-me muito bem e nunca fui tanto assim de comer carne”.

Para **Peres**, não há diferencial, pois segundo ele, sua experiência em Córdoba referente à alimentação apenas comprovou a ideia que ele já tinha aqui.

(...) na alimentação, comprovou-se a ideia que já tínhamos aqui, onde a carne de gado é à base da alimentação. É um alimento muito comum no dia-a-dia argentino. Diferente do que estou acostumado, percebi pouca influência da culinária italiana, com suas massas. Outras comidas típicas são as emanadas e os lomitos (sanduíche com carne).

Outro aspecto visível, na narrativa de alguns intercambistas, é o relacionado ao entretenimento noturno, como observa **Ana**, sobretudo em relação ao tipo de música que mais animava as festas em Córdoba.

(...) os jovens argentinos (pelo menos os que eu convivi) eram muito festeiros. Todos os fins de semana iam a algum lugar, festas, bares ou simplesmente encontros (o que não é muito diferente do Brasil certo?). O tipo de música que mais animava as festas era o Cuarteto. O Cuarteto é um tipo de música que se originou em Córdoba. Foi sobre isso que eu fiz o meu projeto. Achei impressionante como o povo de Córdoba se realiza ouvindo e dançando o Cuarteto.

O mesmo é percebido por **Peres**, diz ele que “com a arte, além da arquitetura, tive mais contato com a música. Descobri estilos típicos do país e suas influências. Predomina no país a música nacional, muito mais que as canções estrangeiras, enquanto aqui no Brasil sofremos uma influência muito maior nesse sentido”.

Uma constatação, observada pela intercambista **Helena**, dá-se no aspecto arquitetônico da cidade: a divisão das ruas, a facilidade na localização e, principalmente, a arborização, apesar de ser uma cidade grande, como percebemos na fala da aluna.

(...) andando nas ruas percebemos que a cidade é planejada, pois é dividida por quadras que têm cem metros cada, facilitando assim a nossa localização. Além disso a cidade é muito grande, muito maior do que eu imaginava, mas apesar disto ela é bastante arborizada. [...] percebe-se também grande diferença nas construções, que são muitas casas e os prédios existentes não são tão altos como os de

muitas cidades brasileiras. Muitas casas são mais velhas, o que torna a cidade de Córdoba uma cidade histórica. Eu fiquei encantada ao andar pelas ruas e ver o verde junto as velhas e belas construções.

Além de **Helena**, outros intercambistas também notaram o aspecto arquitetônico da cidade, como é o caso de **Ana**.

(...) a cidade é muito bem arquetada. Dizem que comparada com Curitiba aqui no Brasil. Não concordo. As construções de Córdoba são mais bonitas, antigas. Talvez sejam parecidas no fato de que as duas são completamente divididas em quadras. Aliás, em Córdoba parece que “quadra” se tornou uma medida de distância, pois todos se baseiam em quadras para dizer onde fica tal lugar. Isso me confundia um pouco no começo, pois eu não sabia quanto media uma quadra.

E de **Denize**,

a estrutura da cidade também chamou muito a minha atenção. As ruas são todas arborizadas, os prédios não são muito altos e muitas casas tem uma arquitetura mais antiga. A cidade também parece ser uma cidade planejada, pois é toda dividida em quadras.

Já para **Heloisa** o que chamou a atenção foi o aspecto religioso.

a religiosidade neste país é algo muito forte e presente na vida da população, assim como a música e a dança são peculiares. A cultura é muito rica, (...) e acessível (financeiramente) do que no Brasil, o que talvez justifique um maior interesse e conhecimento dos jovens cordobeses da nossa cidade.

Luiza relata que os aspectos que mais chamaram a atenção em relação à cultura é o referente às datas comemorativas.

que eles comemoram muito as datas, primavera, dia do estudante (agente também mas não como eles), dia do amigo, dia da bandeira, todos os dias que tem alguma maneira, achei isso muito bom, bem interessante, porque a gente não tem esse costume, comemoramos só algumas datas. E que eles são muito receptivos, nos receberam muito bem [...].

Flora comenta que os aspectos que lhe chamaram atenção no que diz respeito à cultura foram:

o horário de funcionamento do comércio, as pessoas que trabalham no comércio são reservadas, os argentinos parecem ser mais nacionalistas que os brasileiros, preços mais baratos, alimentação com mais carne, os estudantes são muito receptivos e amigáveis, os jovens são muito independentes, as famílias não expressam muito carinho físico entre eles, tem vida noturna muito agitada”.

Em sua narrativa, **Brás** aponta alguns diferenciais entre sua cultura familiar e a cordobesa, no referente à alimentação, afazeres domésticos, transporte, saídas noturnas e periculosidade.

uma das coisas que me chamou a atenção foi de a família toda se reunir a noite para jantar, e também de comerem mais tarde, não que isso tenha sido ruim, apenas diferente. Outra coisa diferente é o fato de a mulher ter que fazer sempre a maioria das tarefas de casa. Fora disso, achei o transporte bem mais barato que em Florianópolis [...]. o fato de as pessoas serem mais ligadas ao que está acontecendo no país; quanto as saídas a noite, há muito mais lugares para sair, saem muito mais tarde, e andando de madrugada pelas ruas no centro, se nota que é bem movimentado, não é tão perigoso como alguns lugares do Brasil.

Lúisa também salienta diferenças entre sua cultura familiar e a encontrada em Córdoba, sobretudo, nas atividades ao ar livre.

tudo me chamava atenção, fosse pela semelhança que tinha com a nossa cultura, fosse pela diferença exorbitante. Já nos diziam antes de irmos para lá, que era muito forte o costume de se encontrarem em praças, que são inúmeras. Para conversarem, tomarem um mate, fossem jovens ou pessoas mais velhas. As praças em Florianópolis nunca são utilizadas para atividades tão boas. Tudo na escola é muito diferente, os amigos que fizemos, ao mesmo tempo que tinham costumes malucos pra nós, tinham, com nós mesmo, semelhanças enormes. Enfim, tudo me chamava atenção, tudo era diferente pra gente.

O depoimento de **Lurdes** abaixo sintetiza pontos diferentes entre as duas culturas.

o fato deles estarem sempre tomando mate foi muito interessante (eles tomam mate como se fosse o nosso café, para estudar, para tomar a tardezinha). Em relação a comida que era completamente diferente daqui, lá o prato principal era a carne, aqui é o arroz com feijão, algo que não pode faltar. Vendo pelo lado do costumes pude observar que no centro, a maioria das lojas fechavam depois do almoço e só reabriam lá pelas 16:00, 17:00 horas (porque depois do almoço é o horário da siesta).

Na narrativa da intercambista **Ana**, sua experiência também foi positiva.

o que posso dizer dessa família... Engraçado... Eles são completamente o oposto da minha aqui no Brasil. O meu pai era muito brincalhão. Vivia fazendo piadas e me deixando embaraçada. A minha mãe também. Ela é do tipo que adora festas, adora a casa cheia de gente. Não é à toa que teve quatro filhos. Nossa, e como é diferente ter quatro irmãos. Fiz amizade com eles muito rápido. Principalmente com o Alejandro. Foi muito bom pra mim. Ver união desses quatro irmãos me fez perceber que eu devo dar mais valor pra minha irmã aqui no Brasil. O que eu achei mais legal nessa família foi o fato de todos estarem sempre sorrindo. Eu sentia uma energia

positiva dentro da casa o tempo todo. Algo que me fazia sentir bem e querer ficar.

Para **Heloísa**, ocorreu de início um choque relativo aos padrões familiares.

a minha família cordobesa está um pouco fora dos padrões de normalidade. Sim pois enquanto os outros argentinos cantam e dançam o “Quarteto”, minha irmã, (...), escuta Hip-Hop, meu pai Chico-Buarque; é crítico de cinema e pinta quadros nas horas vagas; tomam café; minha mãe é fotógrafa e professora; os pais de (...) são separados (a minha mãe é namorada do nosso pai); torcem pelo Brasil (enquanto o resto da Argentina torcia pela Rússia – finais do Mundial de Vôlei em Córdoba).

Luiza comenta que seus pais se preocupavam com sua alimentação “eles sempre se preocupavam se eu estava comendo bem ou não, sempre faziam muita salada, arroz, e coisas que a gente costuma comer aqui, mas também comi muitas coisas de lá, obviu”.

Rute relata a relação com seus pais e irmãos expondo que no início foi agradável, no entanto com o passar do dias “[...] comecei a conhecer melhor e gostar menos, eu e a [...] éramos realmente muito diferentes, apesar de conviver normalmente. Digamos que se eu não estivesse na casa dela, não falaria, nem me relacionaria com ela, mas como estava lá [...]”. Sua percepção foi a de que “parecia que a família só vivia junta por obrigação, não liam, não se interessavam pelas mesmas coisas, as vezes ate opostas, que eu e tal.” Observações que fizeram com que o convívio fosse difícil, sobretudo em relação à obrigação de seguir as regras impostas: “Elas não tinham muita sede de liberdade, estavam bem com as regras e as imposições. Diferente de mim”.

Entretanto, para **Lurdes**, a experiência do intercâmbio não poderia ter sido mais positiva, vivendo em Córdoba o que não tinha aqui no Brasil.

[...] eu me senti em casa, vivendo uma nova perspectiva de vida, com um modelo de família certinha (pai e mãe) coisa que eu nunca tive aqui, meus pais são separados desde os meus três anos e meu pai foi ausente. Eu tive um pai lá, uma família que cuidou muito bem de mim, que me tratou como uma verdadeira filha.

As representações narradas de diferentes modos e impressões pelos intercambistas brasileiros contextualizam no campo social uma relação de identidade dos atores envolvidos. Este campo social e suas representações constituem, portanto, uma relação de opostos, ‘lá’, ‘aqui’- ‘nós’, ‘outros’ - ‘antes’, ‘depois’.

Como ressalta GEERTZ (1989), a cultura é em grande parte controladora do comportamento em sociedade e, o mesmo tempo cria e recria este comportamento. Isto ocorre porque os espaços sociais aos quais os intercambistas atuam faz parte de um contexto de interação, isto é, a escola, a família e o espaço cultural. Portanto, as representações expressas nas narrativas dos intercambistas brasileiros estão voltadas para o olhar sobre o outro; experiências de integração; política e consciência cidadã; e reflexões sobre o cotidiano, cultura e contexto familiar.

De fato, foi neste espaço social que as representações se manifestaram, tornaram-se evidentes. Com bem salienta CHARTIER (1990), as representações do social não são de forma alguma discursos neutros.

Nesta busca pelas representações e suas impressões, evidenciam (de forma micro dentro de um complexo sistema social), normas, comportamentos e um visão de mundo. Todos estes dados proporcionam uma maneira de ver o “outro” e a “si” mesmo, neste emaranhado universo social.

A questão da integração²³ enquanto reconhecimento do pluralismo cultural, econômico etc., que passa pela análise dos elementos comuns e diferentes entre as nações latinas, estaria sendo reconsiderada e, a partir dos dados obtidos, reformulados, talvez, os elementos sobre os quais pode se desenvolver a própria identidade em questão.

²³ É importante destacar, que o Projeto Córdoba propõe uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças culturais dos países envolvidos no acordo. Vale ressaltar que, o Projeto Córdoba também estimula a uma identidade latino-americana. Portanto, uma integração com o “outro” através do direito às diferenças culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da pesquisa da História e Educação a temática das representações sociais é tema de trabalho e reflexão de grupos de pesquisadores. De fato, o compartilhamento destas pesquisas tem contribuído para o aprofundamento do tema, bem como uma discussão mais complexa à medida que as pesquisas avançam em número e reflexão. Não é sem razão que os resultados destas pesquisas têm estimulado muitos a um diálogo mais amplo e uma socialização dos resultados gerando um intercâmbio social na pesquisa educacional.

A execução desta dissertação e seu caráter metodológico estão pautados nas narrativas dos relatórios do Projeto Córdoba. No entanto, estes relatórios são mais do que simples calhamaços de papéis, são de fato, uma expressão do tempo, do conhecimento acumulado, das leituras realizadas, das experiências de vida, das amizades, de compartilhamento, de expressões de amor, de vivência em família e de um momento histórico de cada indivíduo, como também de um grupo social.

Esta pesquisa aponta para a experiência do intercâmbio cultural entre duas instituições, Colégio de Aplicação da UFSC, Brasil e a Escola Manuel Belgrano, Córdoba, Argentina. Experiência pioneira nestas duas instituições. Portanto, pensar a integração entre ambas as instituições e de que forma este tema é repercutido na Argentina, qual é a visão dos estudantes brasileiros sobre a Argentina, seus estereótipos sobre o assunto e como este tema é representado em seus relatórios no Projeto Córdoba, foi o grande desafio proposto para esta pesquisa.

Não que esta abordagem seja inovadora, pois ela não é. Mas, pensar como os jovens imaginam a América Latina e como esta América, no caso específico deste trabalho a Argentina, é retratada nas narrativas destes alunos é pensar num processo de educação.

Nesta busca de integração, esforços estão sendo canalizados no sentido de se discutir, através de diversas atividades e projetos desenvolvidos por

inúmeras instituições, entidades e governos, a questão da identidade Latino-americana.

É na dimensão cultural que reside o espaço crucial de integração, conforme anseia o Projeto de Cooperação com Córdoba. Ele visa o intercâmbio de alunos e professores para que através da troca e de experiências possam contatar com a realidade de cada país, e através do estudo sistemático das respectivas histórias, refletir sobre a sua identidade e, por extensão, sobre a identidade Latino-americana.

Deste modo a questão da integração enquanto reconhecimento do pluralismo cultural e econômico, passa pela análise dos elementos comuns entre as nações latinas, reformulando, talvez, os elementos sobre os quais pode se desenvolver a própria identidade em questão.

Como os relatórios apontaram, o aprendizado dos intercambistas brasileiros também ocorreu fora da sala de aula e das paredes da escola, num clima de viagem e estudos, trabalhos escolares e lazer, tudo envolto num ambiente novo em todos os aspectos.

Desta forma, não há como negar que o Projeto Córdoba colaborou de uma forma expressiva na vida destes jovens intercambistas brasileiros. No entanto, há algo que vai além dos relatórios e que não pode passar despercebido no universo das estratégias políticas sociais e suas práticas, pois tais práticas tendem a impor certa legitimidade ao discurso político social na América-latina.

De fato, o tema América Latina, antes de ser pensado como apostila escolar e conteúdo a ser apresentado, é antes de qualquer coisa uma luta no campo das estratégias econômica, política e social destas nações. Isso faz com que o universo das representações e seus mecanismos também estejam no campo político social destas nações.

Desta forma, quando refletimos na maneira como os estereótipos são formados, ou mesmo quando opiniões são forjadas. Não podemos esquecer o universo das mídias e como elas são amplamente exploradas para manter a concepção de poder e dominação.

Segundo CHARTIER (1990), esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.

Por isso entendo que este trabalho, mais do que apresentar conclusões, suscita indagações a serem exploradas no processo de integração entre nações, ou mesmo no ambiente político-social nacional e suas representações na sociedade. É por isso, que os relatórios do Projeto Córdoba e suas narrativas suscitam mais do que pequenas anotações e experiências de alunos. Percebi que no interior de cada relatório está uma impressão do tempo e a marcação do ritmo da sociedade contemporânea.

Assim, o que seria apenas um projeto escolar toma forma e assume um terreno na história e constrói um pequeno mosaico da sociedade através das subjetividades e representações construídas. Estas narrativas, por sua vez, estão conectadas a outra fonte - a identidade marcada e reproduzida pelas ilusões dos discursos políticos e históricos, das constantes classificações da sociedade, das categorias e classes sociais e paradoxalmente a escola, sim a escola, onde tudo teve início.

CHARTIER (1999), afirma que a relação de representação é assim confundida pela ação da imaginação, essa parte dominante do homem, essa mestra do erro e da falsidade, que faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não o é.

Para Stuart HALL (2005), as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...], As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

Tomas Tadeu da SILVA (2004), relata que na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença

traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. A capacidade de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separada das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

É isso que dá a riqueza na pesquisa educacional, ele, os relatórios, demonstram sua complexidade nos vestígios considerados por muitos “simples” ou “singelos”. Entender que este conjunto de elementos é o que torna a pesquisa algo prazeroso e possível.

Muitos dos relatórios trazem de fato, estereótipos e impressões dos alunos sobre o “outro”, no caso, a nação Argentina. Mas, os próprios alunos e alunas percebem o quanto estavam errados, ou mesmo como suas ideias estavam distantes de uma “verdade”. Neste ponto, o Projeto Córdoba tem contribuído para por de lado um comportamento, muitas vezes massificado em nossa cultura.

E de fato, os alunos de ambas as instituições estão um passo à frente neste requisito, não que sejam melhores, mas, que podem ousar em retirar as vendas do preconceito através da educação. Visto que esperam um mundo melhor, mais compreensivo e menos violento, alunos e instituições buscam neste projeto despertar um fluxo contínuo de informações que possam ultrapassar as barreiras do preconceito.

Por outro lado, a própria escola também trava uma luta constante a este respeito, desmascarar preconceitos ocultos formados por décadas nos jovens alunos que chegam à escola, preconceitos estes forjados por uma sociedade também preconceituosa não é nada simples. O desafio tende a aumentar à medida que as instituições de ensino disponibilizam projetos para combater justamente tal tendência preconceituosa na sociedade.

No caso do Projeto Córdoba, os resultados obtidos após longos anos de trabalho e pesquisas nas duas instituições ganham respeito e credibilidade. Sem dúvida alguma estes profissionais da educação não desperdiçaram sua energia, muito menos seu tempo, pois é nítido hoje o alcance das realizações deste Projeto.

Na pesquisa pode ser constatada que a integração se constitui à medida que a demanda de interesse por parte dos alunos se materializa na ação (no caso, as necessidades de mudança). A partir desse confronto, isto é, a necessidade de mudança, o indivíduo ou grupo recorre às suas representações sociais para orientá-lo na ação.

Após esse processo o aluno ou aluna cria sua narrativa (representação social) para reorientar seu ato na forma escrita do aprendizado e da ação. Assim, as representações sociais seguem outro caminho, o da mudança. Esse processo desencadeia uma participação mais efetiva na integração. Pois, a ação da mudança é positiva e esta se torna realidade nos laços afetivos entre nações e povos.

Nesse sentido, os alunos e alunas podem socializar e discutir suas diferentes representações sociais e contribuir para compreensão de conceitos reelaborados na sua nova formação com a vida prática.

Segundo REIS (1999), a consciência de pertencimento a um determinado grupo social seria o produto da relação deste com sua própria vivência. Portanto, a consciência nestes termos, continua a autora, apareceria como a noção de pertencimento a um grupo, identificado a partir da participação em um código e uma história cultural.

A memória social é suporte fundamental da identidade. Porque alimenta o sentimento de pertença a uma comunidade, através da percepção de continuidade temporal, de uma entidade historicamente enraizada, que se projeta no futuro (REIS, 1999, p. 101).

Como saliente HALL (2005):

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2005, p. 38).

Para HALL (2005), as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais. O autor vai além, ao relatar que uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

Em consonância com a ideia de tempo e a noção de entrelaçamento de opostos, o Projeto Córdoba, desenvolveu ao longo destes anos de atividade um importante trabalho no reconhecimento do 'outro', no sentido, de estimular a construção de identidades e de uma consciência histórica e cidadã.

De fato, este foi um grande desafio, ou seja, a superação do desconhecimento do "outro" no caso do Projeto (Brasil e Argentina). Este desconhecimento do "outro" levou a algumas distorções como bem narraram alguns jovens. Além de identificarem preconceitos e estereótipos que resultaram desta forma de isolamento, trazendo para si, como eles imaginavam, bem como representavam a outra nação, seus cidadãos e seus símbolos nacionais.

Segundo Kathryn WOODWARD (2004):

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essa forma de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios (WOODWARD, 2004, p. 30- 40).

Sendo assim, o sistema de representações não é estático, pois a mesma estrutura que gera imagens e representações com os quais nos imaginamos, constroem também outras estruturas de representações.

A integração cultural entre os jovens intercambistas trouxe à tona como se representa e se imaginava a outra nação e seus cidadãos. É como argumenta HALL (2005), as identidades nacionais não estão sendo deslocadas, antes devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para "costurar" as diferenças numa única identidade.

Ainda segundo este autor:

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unifica-los numa identidade cultural, para representa-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2005, p. 59).

De maneira micro, porém significativa, a pesquisa constatou a importância do intercâmbio para a formação de uma consciência histórica

cidadã que dentro das possibilidades do Projeto, isto é, combater distorções frequentemente existentes nas fronteiras nacionais.

Segundo Kathryn WOODWARD (2004) :

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essa forma de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios (WOODWARD, 2004, p. 30, 40).

Segundo HALL (2005), as transformações associadas à modernidade libertam o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas.

Estes jovens outrora numa situação de conforto com seus próprios pensamentos vivenciam agora uma mudança comportamental. Passam a refletir num conjunto de sistemas de comunicação interligados por imagens e tradições no tempo, na história, como também lugares. A partir daí, sentem-se confrontados diante da realidade exposta a fazer uma significativa escolha.

É como se expressa Kathryn WOODWARD (2004):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares dos quais podem falar. (WOODWARD, 2004, p. 17).

As narrativas revelam que estes jovens intercambistas escolheram uma atitude positiva diante da realidade apresentada.

De certa forma, é tênue a fronteira entre excluir e aceitar o outro. Em muitos casos a construção de um olhar sobre o “desconhecido”, está pautada numa posição rígida e forte diante de conceitos pré-estabelecidos.

As narrativas apresentadas mostraram como são verdadeiras estas duas fronteiras, mais do que isso os registros das experiências positivas apresentam um forte indicativo de combate aos preconceitos. Além de possibilidades de

criar experiências onde os jovens passem a ter uma postura positiva em relação aos preconceitos das nações vizinhas.

Síntese das experiências positivas e negativas dos intercambistas

Nome	Experiências Positivas	Experiências Negativas
Ana		Dificuldade no ambiente escolar.
Bárbara	Teve a preocupação de, antes de ir para o intercâmbio, entrar em contato com ex-intercambistas para procurar informações sobre o que encontraria lá.	
Helena		A integração não decorreu de forma tranquila, pois contratempos surgiram desde o dia de sua chegada à Córdoba.
Denise		Deu-se através da exposição de um noticiário na mídia.
Yolanda		Quanto o assunto foi comida, teve problemas. Pois, sendo de uma família vegetariana, optou pelas frutas cereais. Embora, a minha família fosse carnívora.
Helena	Aspecto arquitetônico da cidade	
Brás	“Uma das coisas que me chamou a atenção foi que a família toda se reunir a noite para jantar”.	
Rute		A relação com seus pais e irmãos de início foi agradável. No entanto com o passar dos dias começou a conhecer melhor e gostar menos. “parecia que a família só vivia junta por obrigação.”
Lurdes	“Eu me senti em casa, vivendo uma nova perspectiva de vida, com um modelo de família certinha (pai e mãe) coisa que eu nunca tive aqui, meus pais são separados desde os meus três anos e meu pai foi ausente”.	

Tendo a percepção de que ainda há muito que fazer na luta por condições melhores de estudo e intercâmbios, para que haja uma reciprocidade educacional entre os povos Latinos. Paralelo aos demais processos de

integração, experimentado por nações, instituições e empresas. O Acordo de Cooperação tem a certeza de estar proporcionando sua contribuição, num projeto de uma nova América Latina.

Nesta perspectiva de que uma nova América Latina é possível, destaca-se os pequenos avanços no quadro acima. De fato, este significativo processo de integração latino americano, a inclusão é fundamental. Com a certeza de que a educação e a cultura são instrumentos sólidos para a construção de novos processos na longa jornada da formação da identidade, na construção de sentido de uma nova América Latina, onde as fronteiras não sejam limites, mas possibilidades de integração, de desenvolvimento social, e de idealização de um cidadão latino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARQUIVO NACIONAL. **Gestão de documentos: conceitos e procedimentos básicos**. Rio de Janeiro: 1995. (Publicações técnicas, 47).
- BURKE, Peter (Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CERRI, Luis Fernando. **Jovens e a história, um survey intercultural latino-americano: alguns resultados**. Palestra proferida ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Ensino de História. Florianópolis, 12 de maio de 2009.
- CERRI, Luis Fernando; AMEZOLA, Gonzalo de. Los jóvenes brasileños y argentinos frente a la enseñanza y el aprendizaje de la Historia. **Revista de Teoría y Didáctica de las Ciencias Sociales**, Mérida, v. 12, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.
- _____. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11. Jan-abr de 1991.
- CERTEAU, Michel. **Fazer História: A operação histórica**: Livraria Bertrand, 1977.
- _____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Teoria e Educação, Porto Alegre, v. 2, 1990.
- COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Regimento escolar e organização didática**. Universidade Federal de Santa Catarina. Outubro de 2007.
- CONCEIÇÃO, Juliana Pirola da. **Ensino de História e consciência histórica latino-americana no Colégio de Aplicação da UFSC**. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- CRISTOFOLI, Maria Silvia. **Intercâmbio Cultural, Ensino de História e Identidade Latino Americana: Uma Utopia Possível?**.2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CRISTOFOLI, Maria Sílvia; DIAS, Maria de Fátima Sabino. A História da América: entre o prescrito e as práticas docentes. In: Encontro da ANPHLAC, 6, 2004, Maringá. **Anais Eletrônicos do VI Encontro da ANPHLAC**, Maringá, 2004b.

_____. Trilhando caminhos diferentes: as representações dos professores de História através do intercâmbio cultural Brasil-Argentina. In: DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004a.

DIAS, Maria de Fátima Sabino. **A escola e os jovens no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana**. Projeto de Pesquisa aprovado pelo Departamento de Metodologia em Ensino da UFSC em 2008. Florianópolis. Trabalho não publicado.

_____. **A história da América na cultura escolar no Brasil: identidade e utopia** In: *Perspectiva*. Revista do Centro de Educação. Florianópolis:: Editora UFSC. v.17. n Especial, jan/jun, 1999.

_____. **A “invenção da América” na cultura escolar**. Campinas: FE/UNICAMP, Tese (Doutorado), 1997.

_____. **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

DIAS, Maria de Fátima Sabino e REIS, Maria José. **História comparada nas fronteiras do mercosul: uma experiência entre instituições de ensino brasileiras e argentinas**. Florianópolis (mimeo).

DIAS, Maria de Fátima Sabino, REIS, Maria José, VERÍSSIMO, Marise da Silveira. **Identidades e representações: um projeto de pesquisa comparada sobre o ensino de história na Argentina e no Brasil**. Relatório de Pesquisa (UFSC/CED). Florianópolis, Fev.2000.

FRANÇA, Ronald. **Educação, História e Memória: A Organização do Acervo escolar do Colégio de Aplicação da UFSC**. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10. Ed. – Rio de Janeiro, 2005.

HOBBSAWM, Eric.J. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. 16. ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 2002.

_____. **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1984.

_____. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E NACIONAL. **Memória e educação**: caderno de ensaios. Rio de Janeiro: IPHAN, Paço Imperial, 2008.

JULIA, Diana Gonsalves. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, 2004.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editara da UNICAMP, 1992.

Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. – v. 17, n. Especial (jan./jun) 1999.

REIS, Maria José. **Ensino de história e construção da identidade nacional: uma união legítima?**. In: *Perspectiva*. Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis, UFSC Ano 17, n. Especial, jan./jun., 1999.

_____. Interculturalismo e educação: reflexões a partir de um intercâmbio discente. In: DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América**: ensino, poder e identidade. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

SOUZA, Ivonete da Silva; VERÍSSIMO, Marise da Silveira. **Proposta de Inclusão da disciplina de Estudos Latino-americanos para o Ensino Fundamental e Médio do Colégio de Aplicação da UFSC**. 2003. Disponível em: <http://www.ca.ufsc.br/ela/Proposta_DeInclusao.htm> Acesso em: 13 mar. 2009.

_____. Estudos Latino-Americanos: a criação e a inclusão de uma nova disciplina escolar no Ensino Fundamental e Médio do Brasil. In:

DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VERÍSSIMO, Marise da Silveira. América Latina: ensino e poder. In: DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

VIDAL, Diana. Gonçalves. Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária – Brasil e França, final do século XIX. 2004. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VIÑAO FRAGO, Antonio. El espacio y el tiempo escolares como objecto histórico. **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, a. 5, n. 7, 2000.

_____. Sistemas Educativos, Culturas Escolares y Reformas: Continuidades y Cambios. 2003.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. **Discursos educacionais na construção das subjetividades cidadãs e implicações no ensino de História: um jazz possível**. Campinas, São Paulo, 2009.

ZAMBONI, Ernesta. **Peabiru: ensino de História e cultura contemporânea**. Projeto de Pesquisa encaminhado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico em 2008. Campinas. Trabalho não publica

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DOCUMENTOS ANALISADOS

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. Relatório de atividades. Projeto Córdoba, 2001.

Protocolo do registro: 23080.033377/2002-78.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. Relatório de atividades. Projeto Córdoba, 2002.

Protocolo do registro: 23080.034925/2002-87.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. Relatório de atividades. Projeto Córdoba, 2005.

Protocolo do registro: 23080.003390/2006-26.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. Relatório de atividades. Projeto Córdoba, 2006.

Protocolo do registro: 23080.018782/2007-71.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. Acordo de Cooperação. Relações Internacionais:

Protocolo nº 1511 – Portaria nº 1171/GR178 – 7/12/88

ANEXOS

PROGRAMA DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

E.L.A.

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ESTUDOS LATINO-AMERICANOS

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

DISCIPLINA: ESTUDOS LATINO-AMERICANOS – E.L.A.

PROFESSORA: IVONETE DA SILVA SOUZA

PLANO DE ENSINO

7ª SÉRIE - ENSINO FUNDAMENTAL

EMENTA:

Focar as reflexões em relação à América Latina, problematizando especialmente os estudos comparativos a respeito dos processos histórico políticos, e questões sociais e culturais dos seus países.

OBJETIVO GERAL:

Desenvolver reflexões a respeito das diferenças e semelhanças presentes entre os povos que fazem parte das nações latino-americanas, atendendo simultaneamente a objetivos que compartilhem mecanismos de integração, identidade e alteridade, objetivando construir noções de respeito cultural e solidariedade continental.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICO

Período Pré-colombiano e colonial

História das Relações Sociais, Cultura e Trabalho.

1. Noções de tempo, diferença/semelhança, permanência/mudança
A ocupação da América por sociedades pré-colombianas

- Diferentes formas de vida
2. A terra e as comunidades indígenas na América
Mitos e Ritos
Relações sociais e poder
 3. Diferenças no uso/apropriação dos modos de vida na organização dos sistemas produtivos coloniais.
Diferenças/semelhanças entre os sistemas coloniais.
Desorganização das comunidades indígenas/formas de mercantilização da terra.
Diversificação na organização do trabalho e nas relações com a terra.
 4. Rebeliões e resistências no processo de desapropriação da terra e da força de trabalho.
 5. Mudanças e Permanências no processo de construção dos Estados Independentes da América – as identidades nacionais

Objetivos:

- Conhecer e identificar características culturais e históricas de sociedade pré e pós-colombiana, respeitando e reconhecendo as contribuições das sociedades indígenas para o conhecimento e para o acúmulo da experiência histórica e cultural humana.
- Desenvolver a observação, o reconhecimento e a memória visual a respeito do patrimônio cultural das sociedades ameríndias.
- Identificar semelhanças e diferenças existente nas culturas e sociedade latino-americanas, no sentido de acessar uma perspectiva crítica e respeitosa ante a diversidade histórica dos povos do continente.
- Comparar os processos de ocupação territorial e colonial das sociedades latino americanas.

METODOLOGIA:

Os conteúdos serão distribuídos em uma só unidade que contém cinco linhas temáticas, que abrangerão simultaneamente conteúdos e desenvolvimento de habilidades metodológicas. A transposição didática se pautará em dinâmicas e recursos pedagógicos construídos no interior da didatização das disciplinas das áreas humanas, numa constante busca de interdisciplinaridade com outras áreas disciplinares, e com as mediações pedagógicas oriundas da cultura

escolar, tais como: aulas expositivas dialogadas, leitura, interpretação e análise de textos didáticos, utilização de linguagens como: vídeo, cinema, multimídia, documentos, estudo de meio.

AVALIAÇÃO: _____

A avaliação levará em conta aspectos multifacetados da relação entre: sujeito/conhecimento/sujeito; teoria/prática; responsabilidade/assiduidade/solidariedade; profundidade de conhecimento/coerência argumentativa. E levará em consideração habilidades como: descrição/comparação /interpretação/dedução/explicação/síntese.

Como elementos avaliativos específicos a disciplina poderá utilizar-se de trabalhos dissertativos de diversas modalidades como: comentários, sínteses, interpretações e releituras de textos, etc. Pesquisas de caráter escolar, testes e “provas”, painéis, tabelas comparativas e classificatórias, portfólio, dossiês, etc.

BIBLIOGRAFIA _____

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O TEMAS DE ESTUDOS AMERICANOS

INDIGENISMO

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos guaranis**. Porto Alegre: EST/Novo Dimensão, 1985.

CADERNOS DA COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO/SP. Nº 2. **A questão da terra**. São Paulo: Editora Global, 1981.

CLASTRES, Hélène **Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO/SP. **A questão da educação indígena**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

DAVIS, Shelton H. **Vítimas do milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOORNAERT, Eduardo. (org) **Das reduções latino-americanas às lutas indígenas atuais**. IX Simpósio Latino-Americano da CEHILA, Manaus, 29 de julho a 01 de agosto de 1981. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

JUNQUEIRA, Carmem & CARVALHO, Edgard de A. (org) **Antropologia e indigenismo na América Latina**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

LISBÔA, Pe. Thomaz de Aquino, S.J. **Entre os índios münkü: a resistência de um povo**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

LUGON, C. **A república “comunista cristã” dos guaranis, 1610-1768**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LUKESCH, Anton. **Mito e vida dos índios caiapós**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiros, 1976.

MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. Brasília: Editora de Brasília, 1972.

MINDLIN, Betty. **Nós paiter: os suruí de Rondônia**.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. **O Combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1978.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Et all. **Habitações indígenas**. São Paulo: Editora da USP, 1983.

PORTILLO, José López. **Quetzalcoatl**. São Paulo, Editora Civilização Brasileira, 1982.

RAMOS, Alcida Rita. **Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil**. São Paulo. Hucitec, 1980.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Petrópolis: Vozes 1977.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Educação e sociedades tribais**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos xokleng**. Florianópolis: Lunardelli, 1973.

TREVISAN, Armindo. **A escultura dos sete povos**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1980.

AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA

ABREU, Aurélio M. G. **Civilizações que o mundo esqueceu**. São Paulo: Hemus.

ACQUAVIVA, Marcus Cláudio. **Lendas e tradições das américas: arqueologia, etnologia e folclore dos povos latino-americanos**.

ANDERS, F., JANSEN, M., GARCIA, L.R. **Crónica Mixteca – el rey 8 venado, garra de jaguar, y la dinastía de Teozacualco-Zaachila**. Libro explicativo del lhamado Códice Zeuche-nuttall. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.

BAUDEZ, Claude F. **Archaeologiamvndi**. Barcelona: Editorial Juventud, 1976.

CAPUCCI, Victor, Zappi. **Fragmentos de cerâmica brasileira**. São Paulo. Brasiliana, 1987.

CARTER, Geraldine. **Guia Ilustrado Mitologia Latino-Americana – Astecas, Maias, Incas e Amazônia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

FAVRE, Henri. **A civilização Inca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GENDROP, Paul. **A civilização Maia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MEGGERS, Betty J. **América pré-histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SOUSTELLE, Jacques. **A civilização Asteca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

DESCOBERTA E CONQUISTA

CHAUNU, Pierre. **Sevilha e a América - nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Difel, 1980.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**. Porto Alegre: LPM, 1991.

DUSSEL, Enrique. **1492: O encobrimento do outro – a origem da do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GARCIA, Emanuel Soares da Veiga. **O comércio ultramarino espanhol no prata**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LAS CASAS, Frei Bartolomé de. **Brevíssima relação da destruição das índias**.

LEONARD, Irving A. **Viajeros por la América latina colonial**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

MARLOWE, Stephen. **As memórias de Cristóvão Colombo: aventuras e desventuras do grande descobridor, contadas por ele mesmo no estilo de hoje.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.

MICELI, Paulo. **O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista.** São Paulo: Editora Página Aberta/Scritta, 1994.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **O mercantilismo e a América.** São Paulo: Contexto, 1990.

ROMANO, Ruggiero. **Mecanismos da conquista colonial.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

SEPÚLVEDA, Juan Guinés de. **Tratado sobre las justas causas de la guerra contra los indios.** Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1996.

STEIN, Stanley J. & STEIN, Barbara H. **A herança colonial da América latina: ensaios de dependência econômica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América – a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAIFAS, Ronaldo. **América em tempo de conquista.** Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

VAIFAS, Ronaldo. **Economia e sociedade na América espanhola.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

REBELIÕES E REVOLUÇÕES

RESENDE, Angélica & GERAB, Kátia. **A Rebelião de TupacAmaru.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, José Vicente dos. (org) **Revoluções camponesas na América latina.** Campinas: Editora da Unicamp/Ícone, 1985.

OBRAS DE CARÁTER GERAL:

CARDOSO, C.F. & BRIGNOLI, H.P. **História Econômica da América Latina.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CHASTEEN, John Charles. **América Latina – uma história de sangue e fogo.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DONGUI, Halperim. **História da América latina.**

LOPEZ, Luiz Roberto. **História da América latina.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

PINSKY, Jaime, et al. **História da América através de textos.** São Paulo: Contexto, 1989.

COLETÂNEAS

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, Nº 21. **América, américas.** Fevereiro, 1991.

BIOGRAFIAS

TREND, J.B. **Bolívar – e a independência da América Espanhola.** Rio de Janeiro: Zahar, 1965

TULIÁN, Antônio. **Belgrano para jovens principiantes.** Buenos Aires: Longseller, 2001.

BIBLIOGRAFIA PARA O GRANDE PÚBLICO

BRUIT, Hector; et al. **História da América através de textos.** Textos e Documentos vol. 4. São Paulo: Contexto, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

E.L.A.

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ESTUDOS LATINO-AMERICANOS

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

DISCIPLINA: ESTUDOS LATINO-AMERICANOS – E.L.A.

PROFESSORA: IVONETE DA SILVA SOUZA

PLANO DE ENSINO
3ª SÉRIE - ENSINO MÉDIO

EMENTA:

Focar as reflexões em relação à América Latina, problematizando especialmente os estudos comparativos a respeito dos processos histórico políticos, e questões sociais e culturais dos seus países.

OBJETIVO

GERAL:

Desenvolver reflexões a respeito das diferenças e semelhanças presentes entre os povos que fazem parte das nações latino-americanas, atendendo simultaneamente a objetivos que compartilhem mecanismos de integração, identidade e alteridade, objetivando construir noções de respeito cultural e solidariedade continental.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS – Séc. XIX - XXI

I UNIDADE

O passado colonial comum

- A questão do Regional e do Nacional e as Independências
- Identidades Americanas e os estereótipos.

- As fronteiras como espaços de intercâmbio e isolamento.
- Nativismo, liberalismo, e nacionalismo.
- As representações sobre os latinos americanos e os projetos “civilizatórios”

Objetivos:

- Problematizar e comparar as diferentes maneiras segundo as quais o sistema colonial ibérico foi implantado no continente americano.
- Refletir e problematizar a respeito do “ser latino” na América Latina.

II UNIDADE

Projetos de América no século XX

- As relações inter-americanas
- Os imperialismos e as resistências
- As políticas de ajuda mútua
- Os populismos

Objetivos:

- Refletir e problematizar a respeito dos projetos de integração da América Latina.
- Comparar criticamente as formações sociais latino-americana e os EUA

III UNIDADE

As Ditaduras Militares recentes na América Latina

- Os projetos de nação e identidade
- A construção do “sonho latino-americano”
- As esquerdas militantes – os circuitos do exílio
- As “democracias lentas e graduais”.
- Os movimentos sociais e os projetos de superação dos problemas percebidos por distintos atores sociais latino-americanos.

Objetivos:

- Refletir sobre as tensões políticas e ideológicas que marcaram a América Latina na segunda metade do século XX.

IV UNIDADE

- Projeto Neo-liberal e Globalização
- As questões do regional, nacional e internacional
- De volta às questões das “Identidades”.

Objetivos:

- Refletir criticamente sobre os problemas e dilemas que marcam o contexto latino-americano atual e as alternativas postas nas ações e nas representações de diversos segmentos organizados das sociedades latino-americanas.

METODOLOGIA:

Os conteúdos serão distribuídos em quatro unidades cuja transposição didática se pautará em dinâmicas e recursos pedagógicos construídos no interior da didatização das disciplinas das áreas humanas, numa constante busca de interdisciplinaridade com outras áreas disciplinares, e com as mediações pedagógicas oriundas da cultura escolar, tais como: aulas expositivas dialogadas, leitura, interpretação e análise de textos didáticos, utilização de linguagens como: vídeo, cinema, multimídia, e documentos.

AVALIAÇÃO:

A avaliação levará em conta aspectos multifacetados da relação entre: sujeito/conhecimento/sujeito; teoria/prática; responsabilidade/assiduidade/solidariedade; profundidade de conhecimento/coerência argumentativa. E levará em consideração habilidades como: descrição/comparação /interpretação/dedução/explicação/síntese.

Como elementos avaliativos específicos a disciplina poderá utilizar-se de trabalhos dissertativos de diversas modalidades como: comentários, sínteses, ensaios, interpretações e releituras de textos, etc. Pesquisas de caráter escolar, testes e “provas”, painéis, tabelas comparativas, dossiês, etc.

BIBLIOGRAFIA

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O TEMAS DE ESTUDOS LATINOAMERICANOS

INDIGENISMO

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos guaranis**. Porto Alegre: EST/Novo Dimensão, 1985.

CADERNOS DA COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO/SP. Nº 2. **A questão da terra**. São Paulo: Editora Global, 1981.

CLASTRES, Hélène **Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO/SP. **A questão da educação indígena**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

DAVIS, Shelton H. **Vítimas do milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOORNAERT, Eduardo. (org) **Das reduções latino-americanas às lutas indígenas atuais**. IX Simpósio Latino-Americano da CEHILA, Manaus, 29 de julho a 01 de agosto de 1981. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

JUNQUEIRA, Carmem & CARVALHO, Edgard de A. (org) **Antropologia e indigenismo na América Latina**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

LISBÔA, Pe. Thomaz de Aquino, S.J. **Entre os índios münkü: a resistência de um povo**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

LUGON, C. **A república "comunista cristã" dos guaranis, 1610-1768**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LUKESCH, Anton. **Mito e vida dos índios caiapós**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiros, 1976.

MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. Brasília: Editora de Brasília, 1972.

MINDLIN, Betty. **Nós paiter: os suruí de Rondônia**.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. **O Combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1978.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Et all. **Habitacões indígenas**. São Paulo: Editora da USP, 1983.

RAMOS, Alcida Rita. **Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil**. São Paulo. Hucitec, 1980.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Petrópolis: Vozes 1977.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Educação e sociedades tribais**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos xokleng**. Florianópolis: Lunardelli, 1973.

TREVISAN, Armindo. **A escultura dos sete povos**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1980.

GRANDES CIVILIZAÇÕES AGRÍCOLAS PRÉ-COLOMBIANAS

FAVRE, Henri. **A Civilização Inca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GENDROP, Paul. **A Civilização Maia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

PORTILLO, José López. **Quetzalcoatl**. São Paulo, Editora Civilização Brasileira, 1982.
SOUSTELLE, Jacques. **A Civilização Asteca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CONQUISTA E COLONIZAÇÃO

CHAUNU, Pierre. **Sevilha e a América - nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Difel, 1980.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**. Porto Alegre: LPM, 1991.

DUSSEL, Enrique. 1492: **O encobrimento do outro** – a origem da do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

GARCIA, Emanuel Soares da Veiga. **O comércio ultramarino espanhol no prata**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LAS CASAS, Frei Bartolomé de. **Brevíssima relação da destruição das índias**.

LEONARD, Irving A. **Viajeros por la América latina colonial**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

MARLOWE, Stephen. **As memórias de Cristóvão Colombo: aventuras e desventuras do grande descobridor, contadas por ele mesmo no estilo de hoje**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.

MICELI, Paulo. **O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista**. São Paulo: Editora Página Aberta/Scritta, 1994.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **O mercantilismo e a América**. São Paulo: Contexto, 1990.

ROMANO, Ruggiero. **Mecanismos da conquista colonial**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

SEPÚLVEDA, Juan Guinés de. **Tratado sobre las justas causas de la guerra contra los indios**. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1996.

STEIN, Stanley J. & STEIN, Barbara H. **A herança colonial da América latina: ensaios de dependência econômica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América – a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAIFAS, Ronaldo. **Economia e sociedade na América espanhola**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FORMAÇÃO DOS ESTADOS LATINO-AMERICANOS

BOLIVAR, Simon. **Escritos políticos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BRUIT, Hector. **Acumulação capitalista na América latina**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PRADO, Maria Ligia. **A formação das nações latino-americanas**. São Paulo: Atual Editora, 1986.

VIANA, Francisco. **Argentina: civilização e barbárie**. São Paulo: Editora Atual, 1991.

REBELIÕES E REVOLUÇÕES

BLANCO, Abelardo & DÓRIA, Carlos A. **Revolução cubana: de José Martí a Fidel Castro (1868 - 1959)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CORREA, Anna Maria Martinez. **A revolução mexicana (1910-1917)**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GRONDIN, Marcelo. **A rebelião camponesa na Bolívia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GRONDIN, Marcelo. **Haiti: cultura, poder e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HERBOLD, Hildegard & AZEVEDO, Elizabeth R. **Caribe, o paraíso submetido**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

RESENDE, Angélica & GERAB, Kátia. **A Rebelião de TupacAmaru**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, José Vicente dos. (org) **Revoluções camponesas na América latina**. Campinas: Editora da Unicamp/Ícone, 1985.

AMÉRICA LATINA CONTEMPORÂNEA

CHACON, Vamireh. **O Mercosul – a integração econômica da América Latina**. São Paulo: Editora Scipione, 1996.

ROSSI, Clóvis. **A contra-revolução na América Latina**. Campinas: Atual Editora, 1987.

PRADO, Maria Lígia Coelho. **América Latina no século XIX – tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp, 1999.

SEOAVE, José e TADDEI, Emílio (org) **Resistências Mundiais: de Seattle a Porto Alegre**. RJ. Ed. Vozes e Clasco, 2001.

BOLETIM CEPAT: **O povo de Seattle - o povo de Porto Alegre, por uma outra globalização**. Curitiba, ano 7, nº 74, Julho, 2001.

DOWBOR, L; IANNI, O. RESENDE, P. E. A. (org) **Desafios da globalização**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

IANNI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

HISTÓRIA DE PAÍSES

LOMBARDI, John. **Venezuela – La busqueda Del orden el sueño del progreso**. Barcelona: Editorial Crítica, 1985.

OBRAS DE CARÁTER GERAL:

CARDOSO, C.F. & BRIGNOLI, H.P. **História Econômica da América Latina**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CHASTEEN, John Charles. **America Latina – uma história de sangue e fogo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DONGUI, Halperim. **História da América latina**.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História da América latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

PINSKY, Jaime, et al. **História da América através de textos**. São Paulo: Contexto, 1989.

COLETÂNEAS

ALMEIDA, Jaime. (org). **Caminhos da história da América no Brasil: tendências e contornos de um campo historiográfico**. Brasília: ANPHLAC, 1998.

FRIGERIO, Alejandro, RIBEIRO, Gustavo L. **Argentinos e brasileiros – encontros imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEIS, Héctor R., ALVES, Caleb F. **Condição Humana e Modernidade no Cone Sul – elementos para pensar Brasil e Argentina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, Nº 21. **América, américas**. Fevereiro, 1991.

BIOGRAFIAS

TREND, J.B. **Bolívar – e a independência da América Espanhola**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965

TULIÁN, Antônio. **Belgrano para jovens principiantes**. Buenos Aires: Longseller, 2001.

BIBLIOGRAFIA PARA O GRANDE PÚBLICO

BRUIT, Hector; et al. **História da América através de textos**. Textos e Documentos vol. 4. São Paulo: Contexto, 2001.

POMER, Leon. **Paraguai: nossa guerra contra esse soldado**. São Paulo: Editora Global, 1985.

CRITÉRIOS PARA O INTERCÂMBIO DOS ALUNOS BRASILEIROS

- 1) Idade mínima 14 anos. (até a data de viagem)
- 2) Autorização por escrita, assinada pelo responsável.
- 3) Rendimento Escolar. (média do ano anterior e 1º bimestre do ano corrente)
- 4) Participações nas reuniões preparatórias (pais e alunos)
- 5) Conhecimento da língua estrangeira (espanhol)
- 6) Parecer do Conselho de Classe.
- 7) Hospedagem do aluno intercambista, pela família que participa.
- 8) Projeto de estudo.
- 9) Entrega de material, quando solicitada pela coordenação.

Intercâmbio Brasil – Argentina

Srs. Pais,

Estamos iniciando o trabalho de preparação do IX Intercâmbio Discente entre o Colégio de Aplicação – UFSC – e a Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano, da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina. Desta forma iniciamos o período de cadastro dos alunos interessados em participar do intercâmbio, tanto como candidato a uma vaga para vivenciar 2 meses em Córdoba quanto para participar com hospedagem para um intercambista argentino.

Objetivo do Intercâmbio:

Conhecer e conviver com uma família argentina, frequentar as atividades da escola, em Córdoba.

Período:

Os alunos permanecem em Córdoba por dois meses, que correspondem ao nosso 3º bimestre escolar.

Crítérios:

Existem alguns critérios para selecionarmos o grupo de intercambistas que participarão do intercâmbio. Estes critérios serão apresentados em reunião com os pais.

Custos Básicos:

Estima-se que para permanecer por dois (2) meses em Córdoba os alunos deverão levar de US\$ 300,00 a US\$ 500,00 (mais passagem e seguro saúde).

Curso extracurricular de espanhol

O grupo de coordenadores do intercâmbio oferecerá aulas de Espanhol, para preparar os intercambistas. As aulas serão ministradas no CA.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo meu filho _____ da ___ série do ___ grau do Colégio de Aplicação a participar das reuniões preparatórias do IX Intercâmbio de Discentes.

Florianópolis, ___ de março de 2001.

Nome legível do responsável: _____

HOSPEDAGEM

Gostaria de cadastrar minha família para se candidatar receber um intercambista argentino por um período de 2 meses (agosto/setembro).

Nome do aluno: _____ série do ___ grau.

Número de irmãos: ___ sexo Feminino () Masculino ()

Florianópolis, ___ março de 2001.

Nome legível do responsável: _____